Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Tomo XL, nº 55, julho-setembro/1877, pp. 163-247

NOTAS

PARA A

HISTORIA PATRIA

SEGUNDO ARTIGO (*)

Os primeiros povoadores. Quem era o bacharel de Cananéa ?

(Memoria lida perante o Instituto Historico e Geographico na sessão de 7 de Julho de 1876 pelo socio Candido Mendes de Almeida.)

I

Descobrir quem era este personagem, que representa um importante papel, antes e no começo da povoação da primeira colonia portugueza no Brasil meridional, é decifrar um dos enigmas da nossa historia. E tanto mais notavel é o facto quanto, depois de encetada a colonisação do paiz n'essa parte do Brasil, jámais se ouve fallar d'essa individualidade, de modo ao menos a assegurar, por interesse puramente historico, a respectiva identidade ; maxime com relação á sorte das familias que n'aquella época se estabeleceram no territorio paulistano, e cuja memoria perdura com mais ou menos gloria.

O mesmo succedêra com o portuguez encontrado na Bahia por Martim Affonso de Sousa (1531), e pelos companheiros da desastrada expedição de Simão de Alcaçova Souto Maior (1535) ; mas sua identidade com o celebrado *Caramurú*, muito depois se estabeleceu, pois de factos tão

(*) Vide o primeiro artigo na *Revista* de 1876 á pag. 5

naturaes e sem estranheza se fez uma lenda heteroclita que tanto deturpa a historia patria.

E em nossos tempos (1848), felizmente, foi quando melhor se pôde tirar a limpo essa identidade, posta de lado a phantasia, graças aos esforços do nosso tão erudito, como incansavel historiador, Varnhagen.

A identidade do bacharel de Cananéa ainda é mui questionavel, e, póde-se dizer, tem-se procurado mais obscurecêl-a que aclaral-a.

Nas considerações em que vamos entrar, esperamos, senão resolver de uma vez todo o problema, esclarecer a questão mais do que hoje se acha, assignalando o individuo á quem coube essa denominação, com provas que suppomos irrecusaveis.

No *Diario da navegação* de Pêro Lopes de Sousa diz-se que, arribando a frota lusitana no dia 12 de Agosto á ilha da Cananéa(1), hoje do *Bom Abrigo*, d'alli mandára o ca-

(1) Ainda hoje é desconhecida a razão d'esta denominação, aliás de summa importancia, em relação á historia do paiz. Este porto, como o de S. Vicente, era bem conhecido dos nautas especuladores que demandavam o litoral sul do Brasil, e vê-se do mesmo *Diario* nas palavras: « *e reconhecendo ser a ilha da Cananéa.* »

Note-se que dias antes a frota esteve em frente ao porto ou rio de S. Vicente, e não pôde entrar em relações com a gente da terra. Eis o que diz o *Diario*:

« Terça feira (8 de Agosto) ao meio dia fisemos o caminho ao noroeste; porque pelo dito rumo nos fasiamos com o *Rio de S. Vicente.*

« Quarta feira nove dias d'Agosto no quarto d'alva fasiamos o caminho ao noroeste e a quarta do norte; e ás nove horas do dia seguimos bem pegados com a terra em fundo de oito braças de arêa grossa. Estando surtos mandou o capitam I. hum bargantim á terra, e nelle huã *lingua* para ver se achavam gente, e para saber onde eramos; porque a cerraçam era tamanha, que estavamos hum tiro d'abombarda de terra e nam na viamos. De noite veio o bargantim, e nos disse como nam pudera ver gente.

« Quinta feira pela menhãa nos fisemos á vela. »

pitão-mór Martim Affonso de Sousa pelo estreito ou *parand-mirim*, que chamam hoje *mar pequeno*, traducção d'aquella palavra, o piloto Pedro Annes em um bergantim (grande falúa), afim de entender-se com os indigenas, visto que era *lingua* da terra, isto é, pratico no idioma *tupi*, que se fallava em toda a nossa costa.

A volta do piloto, que conhecia a terra, é assim relatada:

« Quinta feira 17 dias do mez de Agosto veio Pedro Annes piloto no bargantim, e com elle veio Francisco de Chaves e o *bacharel*, e cinco ou seis Castelhanos.

« Este bacharel havia *trinta annos* que estava *degradado* nesta terra, e o Francisco de Chaves era *mui grande lingua* desta terra.

« Pela informação que della deu ao capitão I., mandou á Pêro Lobo com oitenta homens, que fossem descobrir pela terra a dentro; porque o dito Francisco de Chaves se obrigava que em dez meses tornára ao dito porto com quatrocentos escravos carregados de prata e ouro(2). Partirão

(2) Noticia de taes riquezas já Martim Affonso colhêra no Rio de Janeiro durante sua estada e com referencia ao Paraguay.

Parece que Francisco de Chaves havia sido companheiro da celebrada expedição de Aleixo Garcia (1524), que fôra tão mal aventurada. A expedição de Pêro Lobo teve, como se sabe, fim o mais desastrado, assaltada pelos *Carijós*, perecendo n'ella não só Pêro Lobo, como Francisco de Chaves, nas vizinhanças do rio Iguassú.

Entretanto, é nossa conjectura, que o padre da Companhia de Jesus, de que trata Simão de Vasconcellos em differentes lugares de sua *Chronica*, era o mesmo Francisco de Chaves, á menos que não fosse algum irmão, filho ou parente.

Vide a mesma *Chronica*, liv. 1, n. 70, onde se lê o seguinte:

« Admittiu (o padre Leonardo Nunes) em primeiro lugar á Pedro Corrêa, e á *Manoel de Chaves*, homens principaes, moradores da terra, de muitos annos do Brasil, e *muito grandes linguas*. »

Vide tambem no mesmo livro os ns. 127 e 174.

desta ilha ém o 1º de Setembro de 1531, os quarenta bésteiros e os quarenta espingadeiros(3). Aqui nesta ilha estivemos quarenta e quatro dias. »

Temos portanto aqui, além dos castelhanos inominados, dois individuos: Francisco de Chaves, mui habil na lingua dos indigenas, e o *bacharel*, cujo nome se não declina, mas que pelo tratar no *Diario* parece ser personagem mui conhecida dos maritimos que frequentavam a costa do Brasil meridional.

Um dos seus caracteristicos era estar degradado na terra, havia trinta annos; portanto, conforme o *Diario*, residia n'essa parte do Brasil desde 1501.

Herrera, na sua *Historia das Indias Occidentaes*, dec. IV, liv. 1, cap. 1, referindo-se á viagem do piloto Diogo Garcia em 1527, e á sua chegada ao porto de S. Vicente, diz o seguinte:

« El piloto Diego Garcia, *portuguez*, con el armada que llevava, se halló en los baxos que llaman de *Abre el ojo*(4), que estan en 17 grados en la costa del Brasil, en fin del año passado (1526) : y saliendo de ali fue a la bahia de San Vicente, que está en 24 grados, adonde llegó a 15 de Enero : y un *Bachiller portuguez* le dio muchu refresco de carne, pescado, y vitualla de la tierra, por su dinero ; y un yerno suyo(5) se concertó con Diego Garcia de yr *por lengua* al rio de la Plata. »

(3) *Quarenta bésteiros e quarenta espingardeiros.*

Este facto mostra a imperfeição das espingardas n'aquella época, e a difficuldade de manejal-as: e por isto não se abandonou logo o uso das béstas, que desappareceram de todo na Europa no principio do seculo XVII.

(4) Os baixos dos *Abrolhos*.

(5) Seria este genro Francisco de Chaves ou algum dos castelhanos que conviviam com o bacharel ? Hoje seria difficil, senão impossivel, verifical-o.

O que relata Herrera acha-se confirmado pelo mesmo Diogo Garcia na *carta-memoria* que dirigiu ao rei de Hespanha contra Sebastião Cabot em 1529 ou 1530, de que felizmente temos cópia em nossa *Revista* tomo XV, graças aos esforços do mesmo nosso incansavel consocio, supra-citado, onde á pag. 9 se lê:

« 1527. E de aqui (*ilha da Trindade*) fuemos a tomar refresco en S. Vicente questa en 24 grados, e *alli vive* un Bachiller e unos yernos suyos mucho tiempo ha que ha bien 30 anos e alli estuvimos hasta 15 de Enero del ano seguiente de 27, é aqui tomamos mucho refresco de carne e pescado e de las vitualhas de la tierra para provision de nuestra nave, é agua, é leña é lo que ovimos menester, é compré de un yerno deste Bachiller un vargantin que mucho servicio nos hizo, é mas el proprio se acordó con nós otros de ir por lengua al rio (*da Prata*); y *este Bachiller* con sus yer nos (6), y hicieron comigo una carta de fletamiento para que los truxese en España con la nâo grande ochocientos esclavos (7), é yo la hice con acuerdo de todos mis oficiales é contadores é tesoreros que allegando en el rio (*da Prata*) mandasemos la nâo, porque la nâo no podia entrar en el rio, por que muchas veces les dixe al conde D. Fernando e a los yactores que hicieron el armada, que aquella nâo no podia entrar en el rio que era muy grande, y ellos no qui-

Mas colhe-se d'este dado historico que os europeus, naufragos ou desertores, e mesmo degradados, conheciam o litoral meridional desde S. Vicente até o Rio da Prata, antes da povoação e colonisação regular do Brasil.

Não obstante, pelo que mais adiante diz o mesmo Diogo Garcia, os companheiros do *Bachurel* eram seus genros.

(6) Vide a nota precedente.

(7) Pensamos ser erro de cópia, devendo lêr-se *oitenta* em vez de *oitocentos* escravos, carga demasiada para um navio naquella época.

sieron sino hacer-me-la llebar *para vir* cargada con esclavos, è asi lo hice que asi la mandé cargada de esclavos, por que ellos no hicieron ni me dieron la armada que S. M. mandé que me diesen, é lo que con ellos yo tenia capitulado, concertado é asentado é firmado de S. M., mas antes hicieron lo contrario que me dieron la não grande e no conforme à lo que S. M. mandava ; e no me la dieron en tiempo que les fue mandado por S. M. que me la diesen en entrando Setiembre, y ellos me la vieron mediado Enero que no me podia yo aprovechar della por que aqui V. M. lo verá por esta navegacion, *y está una gente allí con el Bachiller* que comen carne humana y es muy buena gente, amigos mucho de los cristianos, que se llaman *Topies* (8). »

E mais adiante accrescenta, depois de haver encontrado a gente de Sebastião Cabot no rio Paraná, e dispondo-se a subir o rio em um bergantim :

« .....é tornamos a nuestro navio (9) à donde se quedava haciendo el otro vergatin, é luego acordamos todos mis officiales de la mandar fuera del rio la *nao* questava en grant peligro de las garupadas (*pampeiros*), que en aquel tiempo ay en aquel rio, é mas que fuese à cargar *los esclavos del dicho Bachiller* que tenia fletados para en España, é daria nuebas como Savastian Gavoto estava en el rio, é luego *la nao hizo vêla* é fuese fuera del rio à S. Vicente à esperar mi respuesta en aquel puerto de S. Vicente, é luego mandé à los otros navios que luego se fuesen à donde estavan los navios de Sevastian Gavoto por que no

(8) *Topies*, isto é, os *Tupis*, *Tupins* ou *Tupininkins*, denominação generica, com que eram conhecidos pelos navegantes os selvagens que viviam no litoral de S. Vicente até á Cananéa.

(9) Cumpre ter em consideração que quem escreveu a carta era um portuguez ao serviço da Hespanha, pouco letrado, e por isso mistura os dois idiomas em sua linguagem.

avia por alli otra estancia para que estuviesen en salvo, etc.»

Estas citações são a melhor e mais veridica noticia do que era S. Vicente antes do estabelecimento de Martim Affonso de Souza em 1532, e, combinadas com o *Diario* de Pêro Lopes de Souza, explicam e justificam a razão da preferencia dada pelo capitão-mór portuguez ao estabelecimento de S. Vicente, porto melhor, de bom fundo e mais abrigado.

A entrevista de Martim Affonso em Cananéa com o *Bacharel* determinou sem duvida a preferencia, abandonando-se a posição da foz do rio da Prata, onde por certo não teriam os novos colonos os promptos recursos de S. Vicente, e onde o Bacharel com seus genros e outros europêos que com elle viviam, podia facilmente abastecer de mantimentos os navios que alli aportavam, e construir bergantins.

Isto presuppunha trato antigo com os europêos que frequentavam aquelle litoral; portanto já alli existia um principio de colonia posto que irregular e pouco numerosa.

Quanta distancia d'esta historia veridica e natural, da lenda, senão phantasiada, repetida por Fr. Gaspar da Madre de Deus, nas suas *Memorias* e por Pedro Taques, os creadores da historia imaginosa Paulistana!

E convem notar que Gabriel Soares, em sua *Noticia do Brazil*, conforma-se com o que acima dissemos, bem como com o author da *Carta annua* de 1584, estampada no tomo VI da nossa *Revista*, que suppõe-se ser obra do veneravel padre Joseph de Anchieta, de santa memoria.

Os indigenas do litoral, *Tupis*, *Tupins*, *Tupinsquis* ou *Tupinanquis* (sem que por ora excluamos os de serra acima —*Guayanases*), eram amigos dedicados d'esses poucos europêos que viviam em Cananéa e em S. Vicente; assim como tambem eram os *Carijós* ou *Patos* dos que se achavam em Santa Catharina. Eram sobretudo estes indigenas, os ultimos,

adversos á anthropophagia, e isto facilitava muito as relações com os europêos desterrados, naufragos ou desertores dos navios que demandavam por qualquer circumstancia aquelles mares. Não se podia dizer outro tanto dos *Tupís*, embora amigos, e nem mesmo dos *Guyanases*, que aliás, vivendo em serra acima, damno algum faziam aos navegantes, ainda não tendo paz com os indigenas do litoral.

Mas quão differente e mui apreciavel é esta historia, firmada em dados certos, das lendas posteriormente creadas para poetisar sem gosto esses começos da colonisação lusitana!

Parece que, confrontadas as duas noticias, portugueza e hespanhola, resulta a identidade do individuo visto em 1527 em S. Vicente, e em 1531 em Cananéa. E' o mesmo *bacharel portuguez* degradado, tendo muitos filhos no paiz e genros europêos, e dispondo de riqueza da terra, sobre tudo indigenas escravos, na generalidade *Carijós*.

Creada e organisada a colonia em 1532, esse personagem, com semelhante caracteristico, como que desapparece da scena; nenhum escriptor mais o assignala, nem nos documentos officiaes até o presente conhecidos, nem nas chronicas que nos restam.

O primeiro que procurou resolver o problema, decifrando o enigma, foi Ayres do Casal, na *Corographia Brasilica*, e, aliás, não dispunha senão do texto de Herrera, e das *Memorias da Capitania de S. Vicente* de Fr. Gaspar da Madre de Deus, benedictino, e natural de Santos, na provincia de S. Paulo.

Ayres do Casal sustenta, ou melhor julga provavel, que o bacharel portuguez, visto em S. Vicente por Diogo Garcia, fosse ou *João Ramalho* ou *Antonio Rodrigues*, outra individualidade de que Fr. Gaspar lhe deu noticia, e de que é

o inventor (10). A esta opinião acolheu-se o general Abreu Lima, na sua *Historia do Brasil*, repetindo, sem critica, as mesmas palavras de Ayres do Casal.

Machado de Oliveira, no seu *Quadro historico da provincia de S. Paulo*, é mais positivo, e declara que esse bacharel era Francisco de Chaves, o mesmo que aconselhou a expedição de Pêro Lobo, que tão desastradamente malográra-se.

Mas basta confrontar esta opinião com o trecho do *Diario* de Pêro Lopes de Sousa para adquirir-se certeza de sua improcedencia. Esse trecho assignala duas individualidades bem salientes por occasião da arribada á Cananéa—*Francisco de Chaves* e o *bacharel*.

O editor d'aquelle *Diario*, Varnhagen, na sua *Historia geral do Brasil*, segue outra doutrina, e, a nosso vêr, tão insustentavel como a opinião de Machado de Oliveira. Transcrevemos aqui suas palavras :

« Quanto ao nome do degradado cumpre-nos dizer que um *bacharel* Gonçalo da Costa levou Cabot comsigo da Cananéa ; e como isso não obsta á que elle regressasse, pode ser que fosse o mesmo encontrado por Pêro Lopes. Veja o nosso texto na pagina 50 (refere-se á narrativa de Diogo Garcia).

« Em S. Vicente havia, pouco depois, outro bacharel que chamavam *mestre Cosme*. Porém a crermos Charlevoix o nome do dito bacharel *degradado* deveria ser *Duarte*

(10) Mostraremos em tempo opportuno a razão de nosso asserto. Por outro lado suspeitamos que o celebre aventureiro portuguez *Aleixo Garcia*, que atravessou os nossos sertões meridionaes, e foi pelo Paraguay até o Perú, antes da conquista de Pizarro, era o companheiro de João Ramalho, ou dos que ficaram em Cananéa na passagem de Americo Vespucio, ou de Gonçalo Coelho, se passou do Rio de Janeiro, onde por largo tempo demorou-se, impedido de navegar. São méras conjecturas de nossa parte.

Peres, companheiro de Mosquera, segundo o escritor jesuita. »

No artigo *Primeira Exploração da costa brasileira de* 1501 *a* 1506 publicado no tomo 36 de nossa *Revista*, fixando o roteiro de Americo Vespucio em 1501, exprime-se o mesmo distincto historiador por esta fórma :

« Do porto de S. Vicente passou a esquadrilha ao de Cananéa, no qual deixou degradado um bacharel portuguez, que ainda vivia trinta annos depois. Propendemos á crer que seria este o proprio bacharel *Gonçalo da Costa*, que ahi veio á ser encontrado por Cabot. »

E em nota accrescenta :

« Não havemos podido legitimar o nome de *Duarte Peres* que dá um escritor do seculo passado á *certo bacharel* degradado n'essas paragens, de que faz menção sem allegar titulos convincentes. »

Não nos podemos conformar com a explicação que do facto dá-nos o nosso tão illustrado consocio, e faz-nos especie sua opinião, que nem apoio encontra em Ayres do Casal (11).

Em verdade Cabot nunca foi á Cananéa, e Herrera, que cita-nos o facto da vinda á Europa de Gonçalo da Costa, não nos diz que elle era *bacharel* : onde pois descobriu o nosso douto collega o que affirma para justificar sua opinião ?

Vejamos o que diz Herrera na sua *Historia das Indias*

(11) Ayres do Casal na *Corographia Brasilica*, em uma das notas á sua introducção exprime se, n'estes termos :

« Não sabemos em que porto do Brasil Sebastião Caboto recolheu o portuguez *Gonçalo da Costa*, que depois de ter vivido muitos annos no paiz, voltou com elle, e estabeleceu-se em Sevilha ; nem em que parte do mesmo paiz estivera *Henrique Montes*, que foi na armada de Martim Affonso em 1531, segundo nos informa Antonio Herrera. »

Occidentaes, dec. IV, liv. X, cap. VI, referindo-se ao anno de 1531:

« Fué informada la Reyna, que el Rey de Portugal avia escrito a Sevilla, á un portuguez llamado *Gonçalo de Acosta*, que avia estado muchos años en la provincia del Brasil, entre los Indios, y se vieno con Sebastian Gavoto a Castilla, ofreciendo-le seguro (12), y mercedes, por que fuese á Lisbóa; y que aviendo-le preguntado muchas cosas del *rio de Solis*, que dicen *de la Plata*, le rogaron que fuese en una armada que se despachava para aquellas partes, haviendo-le crecidos partidos. »

Como se vê n'este capitulo de Herrera, tratava-se de uma expedição ao Rio da Prata, como foi a de Martim Affonso de Sousa, e o auxilio de Gonçalo da Costa, portuguez, que d'alli tinha vindo com Cabot, era importante. Ora, como já notámos, nem Cabot foi á Cananéa, pois a sua arribação no nosso littoral foi na ilha dos Patos por elle denominada de *Santa Catharina*, e nem se diz que Gonçalo da Costa fosse *bacharel*.

Em que autor ou documento basêa-se, pois, o illustrado

(12) Esta circumstancia faz crêr que este Gonçalo da Costa era um criminoso, desertor de algum navio das armadas portuguezas ou degradado, que abandonando, talvez, Cananéa ou S. Vicente, se refugiára em Santa Catharina, e demandasse a protecção de Cabot, acompanhando-o ao Rio da Prata.

Quem sabe mesmo se não seria elle o companheiro degradado de João Ramalho?

São problemas actualmente insoluveis.

Vide *supra* nota (10).

Entre Aleixo Garcia e Gonçalo da Costa, tem este, a nosso vêr, maiores probabilidades, em vista das duas circumstancias — longa estada no Brasil, e a offerta de seguro.

Mas tem contra si a estada de Cabot em Pernambuco, onde talvez o acolhéra na ida para o sul.

historiador para assegurar que o bacharel de Cananéa era Gonçalo da Costa?

Se não tem outra base senão Herrera, esse recurso não póde aproveitar-lhe.

A hypothese de *Duarte Perez*, citado por Charlevoix, tem os defeitos da precedente, e nem o escritor jesuita o classifica de bacharel.

Charlevoix, na sua *Historia do Paraguay*, diz que Ruy Mosquera, não podendo conservar-se na torre de Cabot, depois do celebre assalto dos indigenas *Timbués*, desceu o Paraná e foi estabelecer-se no litoral do Brasil, na latitude de 32 gráos, em um porto commodo, onde construira um forte (13). Passados poucos dias veiu reunir-se-lhe um *cavalheiro* portuguez, chamado *Duarte Perez*, que havia sido degradado na sua vizinhança, acompanhado de sua familia, voltando depois para o seu degredo por ordem do capitão-general do Brasil.

Portanto d'aqui se não póde concluir que Duarte Perez fosse o bacharel degradado em Cananéa. A narração de Charlevoix é tão cheia de inverosimilhanças, que é difficil aceita-la, ainda mesmo com as explicações de Fr. Gaspar da Madre de Deús nas suas *Memorias da Capitania de S.' Vicente*, pois as datas ficam muito em desaccordo, e em uma distancia de mais de trinta annos.

Não nos detemos em discutir a individualidade de

(13) Quem sabe se se não trata aqui de Maldonado, ou do Chuy? Tudo são duvidas e obscuridades difficeis de destrinçar.

Veja-se sobre este assumpto Demersay, *Historia do Paraguay*, tomo 2, pags. 235 e 236.

Segundo este escritor, que se apoia em autoridades platinas, Mosquera, abandonada a torre de Cabotto, embarcou-se com a sua gente e veio até Iguape (*Yguá*), lugar vizinho á S. Vicente, colonia portugueza de que se apoderou em 1534, para ir depois estabelecer-se em Santa Catharina.

mestre Cosme, visto que sua apparição no Brasil, ou em S. Vicente, é posterior ao estabelecimento de Martim Affonso. E' o que se deduz das seguintes palavras de nosso douto historiador :

« Em S. Vicente havia *pouco depois* outro bacharel que chamavam *mestre* Cosme. »

Portanto não era e não podia ser este o *bacharel de Cananéa*.

Quaes deverão ser os caracteristicos que nos levem a determinar o assignalamento d'esse personagem, de modo a estabelecêr sua identidade com algum individuo da colonia de Martim Affonso, e assim conhecer o seu nome, que nenhum documento, depois d'essa época, positivamente designa?

Não passam de *quatro* : a nacionalidade portugueza ; a residencia na terra do Brasil desde 1502 ; o cumprimento de uma penalidade rigorosa ou infamante ; e contar genros europêos na época da passagem de Diogo Garcia por S. Vicente em 1527, e da arribada de Martim Affonso de Sousa, em Cananéa, em 1531.

O individuo que na época do estabelecimento da nova colonia reunir esses caracteristicos deverá ser o *bacharel*, cujo nome procuramos conhecer, no interesse da historia em geral do nosso paiz, e mesmo dos primeiros estabelecimentos dos europêos n'esta parte da America.

Ha ainda uma questão a ventilar, e vem a ser : se esse bacharel era em verdade um homem que cursára alguma faculdade, Coimbra, Lisboa ou Salamanca, ou se era a designação de *bacharel* um appellido ou alcunha. Sabe-se que os grandes criminosos muitas vezes são conhecidos por alcunhas. Esta questão ventilaremos mais adiante.

Sabe-se que nas frotas portuguezas, que se dirigiam á descoberta de paizes novos, iam de ordinario alguns de-

gradados, que se deixavam n'esses paizes, sempre aos pares, afim de conhecerem os costomes dos naturaes e aprenderem sua linguagem, para que servissem de interpretes aos portuguezes em suas relações commerciaes futuras. Assim praticavam na Africa e mesmo na Asia, e o fizeram tambem na nossa America, de que deu o primeiro exemplo Pedro Alvares Cabral, em Porto Seguro.

E n'este caso houve a circumstancia notavel de voltar um á Portugal, em 1513, com alguns indigenas, em um navio do contrato de pão-brasil, como se lê em Damião de Goes, na *Chronica de el-rei D. Manoel*, parte primeira, cap. 51, e em João de Barros, *Asia*, dec. 1, liv. 5, cap. 2, sem esquecer os indigenas que levou a frota de Vespucio em sua primeira viagem, para esse fim, na continuação do seu périplo no nosso litoral do sul (14).

O *bacharel* encontrado em S. Vicente e Cananéa por Diogo Garcia e Martim Affonso de Sousa, e tão conhecido dos navegantes que frequentavam o litoral sul-americano, era portuguez. A carta do primeiro á Carlos V, então reinando na Hespanha, e o *Diario da navegação* de Pêro Lopes de Sousa, irmão de Martim, positivamente o declaram.

A estada de um em S. Vicente e de outro em Cananéa não contrariam a identidade, por isso que Garcia comprou a um dos genros do *bacharel* um bergantim (falúa ou grande bote) para ir ao Rio da Prata, servindo-lhe esse individuo ao mesmo tempo de *lingua*; e por outro lado o *bacharel* era personagem influente e poderosa, visto como celebrára contrato, afim de mandar para a Hespanha oitocentos (800) escravos indios para vender. Conhecia e estava habituado á viagens pelo litoral sul no interesse de seu negocio.

(14) Referimo-nos aos indigenas que recebeu a frota em um porto da costa do Brasil, pouco depois de passado o cabo de Santo Agostinho.

Portanto, a navegação pela costa de S. Vicente ao Rio da Prata, sendo conhecida e praticada por esses individuos, os dois differentes pontos em que foi encontrado o bacharel, em épocas tambem differentes, não excluem a respectiva identidade. Accresce que a estada d'esse individuo em Cananéa(15), na occasião da arribada de Martim Affonso, era ou podia ser casual, porquanto este, voltando do Rio da Prata, não demandou mais esse porto, mas o de S. Vicente, preferencia que indica prévio accordo com o bacharel encontrado em Cananéa.

Ainda outra razão que confirma a identidade.

Pêro Lopes de Sousa, no seu *Diario*, assevera que esse bacharel, havia trinta annos, estava *degradado* n'essa terra(16); portanto não era um naufrago, pois se fôra era mui natural, tendo tantas relações com os navios europêos que frequentavam o litoral, como revelam o facto da construcção do bergantim e a vinda directa de Diogo Garcia áquelle porto(17), que procurasse voltar á Europa, muito antes d'essa época. Só um degradado, habituado á tão escabrosa vida, se resolveria á ficar em companhia de selva-

(15) *Cananéa* era a principal aldêa dos *Tupinikins* ou *Tupis* na fronteira dos *Carijós*, seus emulos. Esses *Tupis* ou *Tupins*, assim denominados pelos Europêos, não eram *Guayanases*, tribus do interior. Viviam os primeiros no litoral; eram menos barbaros que os de serra acima, o que convem sempre ter em vista.

(16) *Degradado n'essa terra* não quer dizer em determinado lugar, Cananéa ou S. Vicente, mas em geral.

(17) De onde viriam estas relações de Diogo Garcia com os naufragos ou degradados de S. Vicente, anteriores á esta viagem? Naturalmente por ter vindo em outras expedições de portuguezes, de que hoje não temos noticia, por parte do governo ou de particulares.

E quem sabe se esse nauta portuguez, ultimamente no serviço da Hespanha, não teria relações de parentesco com o famoso aventureiro—Aleixo Garcia?

gens, renunciando, por necessidade, o volver á patria, e tornar, ao menos, a vêr a familia.

Podia acontecer, mas não é mui presumivel o facto, partindo de um homem de letras que houvesse gozado de certa posição na sociedade de seu torrão natal; e tendo, se quizesse, facilidades de ir e voltar. Podia acontecer, indo o degradado conviver em paiz estranho, exposto á outras contrariedades e desgostos; e n'este caso seria preferivel manter-se no degredo em que já estava.

E' certo que Diogo Garcia não diz que o *bacharel* era um degradado: n'esse ponto é silente; mas assegura que vivia alli, havia quasi *trinta annos*, calculo referente á época em que escreveu a carta ao rei de Hespanha (Carlos V), isto é, 1531, segundo Herrera, e não á em que aportára á S. Vicente com a sua expedição.

II

O individuo que no principio do estabelecimento de Martim Affonso de Sousa se achava n'estas condições era João Ramalho, ou outro menos celebrado; por exemplo: *Antonio Rodrigues* (18), se se quizer (admittida a denominação de Fr. Gaspar), provavelmente os dois degradados deixados

(18) Nossa opinião é contraria, como já vimos; pensamos, por méra conjectura, que o companheiro do bacharel outro não era senão Aleixo Garcia.

Este aventureiro portuguez, segundo as tradições argentinas, emprehendeu a sua invasão ao Perú em 1524, existindo ainda o *Inca* Huayná-Capac, predecessor de Atahualpa, morto por Pizarro em 1533.

Vide *Historia Argentina* por Ruy Diaz de Gusman, liv. I, cap. 5°; Gay, *Historia da republica jesuitica do Paraguay*, cap. 1°, e Demersay, *Historia do Paraguay*, parte 3, cap. 2°, nota 1.

em 1501 pela frota onde vinham embarcados André Gonçalves e Amerigo Vespucci. N'essa frota havia degradados para esse fim, como se vê das cartas do mesmo Vespucci.

Mas á Antonio Rodrigues faltam circumstancias que militam em pró de *João Ramalho*. Este era um degradado, assim nôl-o declara Simão de Vasconcellos, na sua *Chronica da Companhia de Jesus*, liv. I, n. 77, nas seguintes palavras :

« Havia em S. Vicente um João Ramalho, homem *por graves crimes infame*, e actualmente excommungado. Mandou-lhe o padre Leonardo pedir com cortesia fosse servido sahir-se da igreja, por que podesse elle celebrar sacrificio, pois não podia em sua presença : fê-lo assim, e celebrou o padre. Porém dous filhos seus *mamelucos*, dados por affrontados, determinarão castigar no servo de Senhor a injuria que tinhão por feita ao pai; etc. »

E mais adiante, n. 126 :

« Aquelle famoso João Ramalho, homem rico na terra, mas *infame* nos vicios, amancebado publico, por quasi *quarenta annos*, e de ordinario por essa causa excommungado (cujos filhos dissemos acima intentaram pôr as mãos no servo de Deos Leonardo Nunes), lembrado agora dos seus antigos odios, e tendo ainda vivo em seu peito o aggravo que cuidou lhe fizéra o padre, quando o mandou avisar se sahisse da Igreja, por que, presente elle não podia exercer o sacrificio do altar, por estar censurado : entre as alegrias e parabens, com que o povo recebia, por hospede o padre Nobrega, andava elle com a caterva dos seus filhos, muitos em numero, e todos de má casta, *mamelucos* illegitimos, e desalmados, com arcos, frechas e gritarias, fasendo gente, e desinquietando a villa contra os Padres, etc. »

E ainda no n. 161 :

« Aquelles mamelucos Ramalhos, de arvore ruim peiores fructos, tornam agora a resuscitar seus rancôres; e foram maiores os males que excitarão, que a propria peste.

« Moravão estes em um lugar *tres leguas* distante de Piratininga por nome S. André(19) : daqui tramavão seus embustes e despedião a peçonha, que conceberão contra os Padres, amotinando toda a creatura, que conjurasse contra elles, como contra os maiores inimigos em vingança de *suas*, que elles chamavão *injurias*, e em liberdade do uso da terra de assaltear, e captivar os Indios. »

Portanto, João Ramalho era o progenitor de muitos filhos, amancebado publico por longo tempo, quasi quarenta annos, isto é, em 1549 ou 1553, quando o padre Leonardo Nunes foi para S. Vicente, ou o padre Manoel da Nobrega quando veiu com Thomé de Sousa. São datas que se não podem tomar em rigor ; consequentemente desde o principio do seculo, pouco mais ou menos.

(19) Diz Fr. Gaspar, em suas *Memorias*, que o local de S. Bernardo, antiga fazenda da ordem benedictina, era o da povoação ou villa de S. André, mas não mostra o fundamento.

Não duvidamos. O interesse por sua ordem leva este religioso á querer celebrisar todos os lugares do seu estabelecimento. Mas se era S. André, porque não conservou-se o nome? E qual a razão da mudança ?

Não se sabe ao certo a posição d'aquella aldéa, embora se conheça a distancia da cidade.

Por outro lado, S. André estava situada á borda do campo, na direcção do antigo traçado da estrada do Ramalho, e a tres leguas de Piratininga. Esse traçado desappareceu com a direcção que posteriormente deram á mesma estrada os padres Luiz da Grã e Manoel da Nobrega, e não Anchieta.

Os desvios de Fr. Gaspar em muitos pontos da historia paulistana pôem-nos de sobreaviso.

Simão de Vasconcellos, *Chronica*, liv. 2, n. 85.

E, pois, na época da vinda de Diogo Garcia (1527), e de Martim Affonso de Sousa (1531), podia João Ramalho já ter filhas casadas, á modo dos selvagens, com europêos, isto é, castelhanos, portuguezes e italianos, que n'esses tempos concorriam nos navios hespanhoes, por causa de pertencerem certos paizes d'aquélla peninsula á monarchia de Aragão, depois ligada á de Castella.

E era isto mui natural por abundarem mais os castelhanos ou hespanhoes entre os desertores e naufragos de Santa Catharina e de Cananéa, limite do territorio *Carijó* e *Tupiniquim*, onde Martim Affonso achou, em 1531, cinco ou seis, em companhia do *bacharel*, accrescendo que os escravos contratados por Diogo Garcia tinham por destino a Hespanha, de onde alguns *genros* do bacharel eram naturaes.

O que o padre Simão de Vasconcellos em sua *Chronica* diz do João Ramalho é confirmado por uma testemunha insuspeita, o allemão Ulrico Schmidel, de Straubing, na sua *Historia verdadeira de uma viagem curiosa na America ou Novo Mundo, pelo Brasil e Rio da Prata, desde o anno de* 1534 *até* 1554, pela primeira vez publicada em Francfort sobre o Mena em 1567.

Schmidel acompanhára ao Rio da Prata D. Pedro de Mendoza, e assistira á fundação de Buenos-Ayres. Tomando parte mui activa nas expedições hespanholas desde a foz d'esse rio memoravel até o Paraguay, penetrou e fez a guerra em muitos territorios, indo até á Bolivia, e á região dos Andes, e n'essa vida de curiosas e interessantes aventuras despendeu quasi vinte annos completos.

Querendo voltar para a Europa por S. Vicente, emprehendeu por terra, e por inhospitos sertões, uma viagem sobremodo arrojada com fraquissimos recursos e poucos companheiros, n'aquella época, quando S. Paulo, a cidade,

ainda não existia! Partiu de Assumpção em 26 de Dezembro de 1552, e chegou ao termo do seu commettimento a 13 de Junho de 1553, isto é, á S. Vicente, seguindo a 24 do mesmo mez para Lisboa em um navio de Pedro Rossel, agente de Erasmo Schetzen, de Antuerpia.

Este intrepido viajante esteve na villa de Santo André, fundação de João Ramalho: alli demorou-se pouco tempo, mas sempre diz alguma cousa ácerca do nosso celebrado colono, cujo nome germanisa, chamando-o João *Reinmeille*(20), e outro tanto faz com o de S. Vincente, que denomina *Vincenda*.

Ouçamos suas palavras:

« Chegamos emfim á uma aldêa habitada por christãos, cujo chefe chamáva-se João Reinmeille (*João Ramalho*). Felizmente para nós elle estava ausente, porquanto esta aldêa pareceu-me um valhacouto de ladrões.

« Ramalho (*Reinmeille*) tinha ido para onde estavam outros christãos que habitavam em outra aldêa chamada *Vicenda* (S. Vicente), para terminar um tratado com elles.

« Os Indios d'este paiz assim como perto de oitocentos christãos que vivem n'essas aldêas, são vassallos do rei de Portugal, mas são governados por João Reinmeille (*João Ramalho*).

« Elle pretende, que havendo feito a guerra por espaço de *quarenta annos* nas Indias (*o Brasil, S. Vicente*) e conquistado esse paiz, era mui justo que fosse elle quem o governasse.

« João Reinmeille fazia a guerra aos portuguezes que não queriam reconhecer seus direitos. Elle é tão poderoso e tão considerado que póde pôr em campo até 5 mil indios,

(20) Ternaux Compans, o traductor francez, diz *Reinvielle*, o que está em dasaccordo com o original allemão, e traducção latina do seculo XVII, que devem ser preferidos.

ao passo que não se reuniriam dois mil sob os estandartes do rei.

« Na aldêa (*já era a villa de Santo André*) não encontramos senão seu filho: fomos mui bem recebidos, ainda que elle nos inspirasse mais desconfiança que os proprios indios, e deixando este lugar rendemos graças ao Céo por termos podido sahir sãos e salvos. »

No cap. 33 diz ainda :

« Continuamos nossa viagem, e chegamos á 13 de Junho de 1553 á uma pequena cidade chamada S. Vicente, situada á vinte milhas d'aquelle ponto(21). Achei ahi um navio portuguez que acabava de ser carregado de assucar, páos de tinturaria e de algodão, por Pedro Rossel, agente de Erasmo Schetzen de Antuerpia. »

Depois de dizer que foi bem recebido por Pedro Rossel, que lhe arranjou uma passagem a bordo d'aquelle navio e de recommendal-o á tripolação, accrescenta :

« Passei onze dias em S. Vicente(22) para munir-me de todas as cousas que são necessarias para uma larga navegação. Cheguei alli, seis mezes depois de haver deixado Assumpção : a distancia he de 376 milhas. »

Por este testemunho insuspeito vê-se que João Ramalho vivia no territorio e littoral de S. Paulo, pois tinha feito a guerra aos indios por espaço de quarenta annos, o que está de perfeito accordo com Simão de Vasconcellos, quando, referindo-se ao mesmo Ramalho, diz que era « homem rico na terra, mas infame nos vicios, amancebado publico por quasi quarenta annos,» e isto relata como chronica do anno de 1553, época em que Schmidel fôra ter á Santo André, povoado de Ramalho, e depois a S. Vicente.

(21) A milha allemã equivale á uma legua, e quasi um terço.
(22) E' notavel o seu silencio sobre a povoação de Santos.

Se esta data é rigorosa, deve-se acreditar que o desembarque de João Ramalho nas praias do Brasil meridional foi em 1510 ou 1512, e provavelmente na exploração da costa de nosso paiz por Gonçalo Coelho ; outro não se conhece ; mas se não é, em vista do que disseram Diogo Garcia e Pêro Lopes de Sousa, não podemos deixar de admittir como mais fundada a conjectura de que o seu desembarque foi á 22 ou 25 de Janeiro de 1502, esta ultima data sobre tudo, quando foi alli ter Americo Vespucio na frota lusitana(23), de que era cabo D. Nuno Manoel(24), como pretende o illustrado visconde de Porto Seguro, ou melhor André Gonçalves, o que levou a D. Manoel a noticia da descoberta, conforme Gaspar Corrêa, em suas *Lendas da India*, e que sem duvida era o mais adaptado para guiar e dirigir a frota na exploração que se ia emprehender. A' esta conjectura mais nos inclinamos (25).

Se o desembarque foi n'aquella época de 1502, quando se deu á terra o nome de S. Vicente, em consequencia do dia em que aportou a frota, como se havia já praticado com outros pontos do litoral desde o cabo de S. Roque (26) : parece-nos verosimil que, sendo o bacharel de Cananéa o mesmo João Ramalho, o ponto onde ficou foi S. Vicente, e não *Cananéa* ; já pela volta de Martim Affonso de Sousa aquelle e não a este ponto, e pelo que logicamente se de-

(23) Tomamos aquellas datas pelo que adiante diremos.

(24) A hypothese de D. Nuno Manoel parece-nos insustentavel.

(25) A carta de Vespucio a Lourenço. Pier Francesco de Medicis mantem com força nossa opinião, quando diz que o piloto da frota ignorava a cosmographia, e esse piloto era o chefe: — «*nullus erat nauclerus, seu dux noster navigationis.*» Esse piloto outro não era senão André Gonçalves.

(26) Não damos como certo que fosse este cabo o primeiro ponto em que tocou a fróta lusitana.

prehende da carta de Americo Vespucio a Soderini, de que citaremos o trecho importante para esta questão :

« E como passamos um cabo a que pozemos o nome de S. Agostinho (27), principiamos a seguir a feição da terra. »

Portanto a viagem, em vez de ser ao largo, foi acompanhando a costa. Continuemos :

« Está este cabo distante do lugar em que vimos matar os dous christãos (28), cento e cincoenta leguas para Levante, em 8 gráos (29) alem da equinocial para o Sul.

« *E, continuando a nossa navegação*, avistamos um dia muita gente pela praia, que tinha corrido a ver o prodigio das nossas náus, e *cessando de navegar* nos fizemos na volta de terra, aonde fomos nos bateis, e achamos um bom ancoradouro.... »

Este porto, que, conforme a narrativa, devia estar não mui afastado do cabo de S. Agostinho, ou pelo mais entre esse cabo e o ponto da Bahia, que, em vista da segunda carta de Vespucio, ficou bem assignalado, e foi onde a frota demorou-se mais tempo e plantou um padrão (30) ; n'este porto deu-se uma circumstancia que de alguma sorte permitte, assegura o conhecimento do territorio onde póde ser procurado.

(27) Suppõe-se que este nome foi dado por havel-o a frota visto ou dobrado em 28 de Agosto de 1501. Esse dia é o da festa d'este santo.

(28) Refere-se ao lugar em que primeiro tocou a frota, que muitos querem que fosse o cabo de S. Roque, e nós presumimos que foi o dos *Marcos* nos limites das provincias da Parahyba, e Rio Grande do Norte.

(29) Segundo Vital de Oliveira este cabo jaz em 8 gráos, 20 minutos e 27 segundos de latitude meridional. Mouchez pelo contrario diz que fica na lat. sul 8º 20' e 45".

(30) O nome d'este padrão era S. Antonio, denominação dada ao cabo ou ponta, que tambem se chama do Padrão.

N'elle havia em abundancia *cannafistula*, que os indigenas denominavam *tapyra-coynana* (31). Essa planta cresce e floresce com grande pujança nas regiões banhadas pelo rio de S. Francisco, e em suas immediações, portanto no territorio das duas provincias maritimas de Sergipe e de Alagôas.

A cannalistula ou cassia é uma planta medicinal, conhecida dos europêos antes da descoberta da America. O Brasil a produz como o Egypto, a Arabia, a India, e outros paizes da Asia meridional, e os europêos recebiam-n'a pelo porto de Alexandria. Os portuguezes já a haviam plantado em S. Thomé, de onde vieram sementes e plantas para o Brasil (32); mas não continuou o cultivo, embora encerre o merecimento que a indigena, por amarga e desagradavel, não tem. Mas com essa arvore aconteceu o mesmo que com a *ubirapitanga*, cuja tinta assemelhava-se com a do *pao brasil* da Asia, posto que com diversa fortuna. A nossa madeira é superior á asiatica na quantidade e belleza da côr, e as vagens da *tapyra-coynana* de Macgrav, ou *jeneune* de Gabriel Soares, não dão o producto da cassia da Asia e da Africa, embora seja uma arvore de extrema belleza quando coberta de flôres. A semelhança dos seus fructos com os de proveniencia asiatica, a grandeza das suas vagens, e a extrema abundancia, attrahiram desde logo a attenção dos nautas, sobre tudo a do cosmographo florentino, que acompanhava a frota, e era entendido no assumpto, causando-lhe muita impressão a descoberta.

Continuemos:

(31) Vide Martius no *Glossaria Linguarum* á pag. 393 e 407.

(32) Gabriel Soares — *Noticia do Brasil* parte segunda, cap. 60.

« .... e homens de melhor condição do que os passados; pois ainda que com algum trabalho em domestical-os, forão por fim *nossos amigos*, e commerciamos com elles. »

III

Esta nova circumstancia faz crêr que o facto teve lugar menos no territorio da provincia das Alagoas do que no da de Sergipe, por isso que na primeira dominavam os *Cahetés*, tribu perfida, cruel e menos accessivel, e na outra os *Tupinambás*, mais accommodados e hospitaleiros.

« Estivemos cinco dias nesta paragem, e aqui *achamos canafistola* muito grossa, verde e tambem secca em cima das arvores... »

A circumstancia da demora de cinco dias é mais um motivo para a exclusão do territorio alagoano, porquanto descobrindo a frota o rio de S. Miguel(33) no dia 29 de Setembro de 1501, e o rio de S. Francisco á 4 de Outubro, essa demora no primeiro não era possivel. Os nomes á esses lugares foram impostos conforme os santos inscriptos no almanack.

As margens da foz do rio de S. Francisco, pela difficuldade da abordagem, arrebentações, areaes mui baixos e

(33) No mappa de Barlœus este rio tem o nome de *Cenemby*, que os nossos pronunciam *Sizimbú*, por causa da ultima letra que em tupí é mui difficil de pronuncinr-se, e que uns a expressavam por y e outros por *e*.

Cenembi e *Genembi*, que conforme nossa pronuncia seria *Cenembim*, eis como o nome d'esse rio se acha escripto no mappa de Barlœus. Em portuguez significa *camaleão*.

mangaes mui densos, tambem por essa circumstancia ficam postas de lado.

Essa difficuldade na época era tanto maior, quanto coincidia com a cheia do grande rio, que impellia muito para o mar as suas aguas barrentas, tingindo por muitas leguas a côr das do oceano, tornando mesmo n'esse ponto incommoda, senão perigosa, a navegação.

Accresce ao que fica dito que a narração de Vespucio se não presta ao desembarque junto á foz de um rio tão caudaloso, circumstancia que não seria olvidada. Vespucio diz:

« Continuando nessa navegação avistamos um dia muita gente pela praia... »

Os terrenos á margem do S. Francisco, na foz, não se prestam, como já notámos, á esta descripção.

Mas por isso o ponto deve ser procurado no litoral, entre os rios de S. Francisco e o Real, quando muito. O nome de Rio Real dado á um rio de pouca importancia, mas com uma foz apparatosa, é mais um indicio de que os nautas d'essa frota não viram a foz do rio de S. Francisco, e pelas aguas impellidas pelo mar em fóra foi que reconheceram a existencia de um rio n'essas latitudes.

O espaço comprehendido entre os rios de S. Francisco e o Real, póde-se dividir em duas partes. Uma entre o rio de Parapucú, ao sul da grande barra do S. Francisco, e a foz do rio de Japaratuba, senão ás do Cotindiba. N'este espaço se acha a famosa enseada de Vasabarris, que tão celebrada se tornou pela sua furiosa corrente, que tantas desgraças causou(34).

Aqui não é possivel que a frota tentasse um desembarque, e mesmo não é provavel que se approximasse do litoral, embaraçada pelo impulso das aguas na barra do S. Francisco.

(34) Gabriel Soares, *Noticia do Brasil*, parte I, cap. 21.

A outra parte entre os rios Cotindiba e Real, cujo litoral tambem se chama impropriamente de Vasabarris, e a tal ponto que o nome outr'ora dado ao Japaratuba nas primeiras cartas maritimas passou para o rio que hoje conserva-o; não está nas mesmas condições, embora os rios que n'ella desembocam, Cotindiba, Vasabarris, Real, e ainda o Itapucurú, tenham pessimas barras, e mui difficultosa navegação.

Aqui tem muito cabimento a narração de Vespucio. Praias de facil desembarque nos batéis, e de ancoradouro supportavel para os navios de tonelagem d'essas frotas do principio do seculo XVI, se encontram na Cotindiba, em Vasabarris, em Rio Real. Ora, tanto mais facil era o desembarque quanto a navegação se fazia no verão, em que a costa não ficava desabrigada, e com a circumstancia de que em todo esse territorio addicto ao litoral, *maxime* á margem d'aquelles rios, havia cannafistula em abundancia, como ainda hoje.

Agora o que cumpre é fixar o ponto d'esse desembarque. Excluido o ponto do rio de S. Francisco, que é o assignalado pelo traductor das cartas de Vespucio na *Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas*, pelas razões já expendidas, menos póde subsistir a opinião do nosso illustrado consocio o Sr. visconde de Porto Seguro, que pronunciou-se pelos portos da Bahia ou de Caravelas, onde se não encontram as arvores de cannafistula, salvo no interior, segundo o testemunho de Gabriel Soares na sua *Noticia do Brasil*, parte II, cap. 60.

Portanto, no espaço mui limitado de dez a doze leguas entre a foz do Cotindiba e a do Rio Real, se acha o ponto ou o nó da questão.

Gabriel Soares vai dar-nos o fio, ou antes a chave da questão, no cap. 22 do seu *Roteiro*, quando assegura que

dentro d'aquelle espaço existe um rio com o nome de *Cannafistula* ou do Pereira. Infelizmente a latitude por elle marcada para esse rio, duas leguas ao norte do Rio Real, destróe o merecimento da sua indicação, porquanto entre as barras dos rios Vasabarris e Real nenhuma outra corrente existe: a costa entre esses dois pontos, como diz com razão Mouchez, contém uma praia coberta de comoros brancos sem nenhuma interrupção, como succede entre o Vasabarris e o Cotindiba, ou melhor até a foz do Poximassú.

Gabriel Soares, por equivoco, confunde os nomes dos rios de Sergipe, ou antes, augmenta o seu numero por separar nomes que indicam o mesmo rio, e vice-versa(35).

Felizmente o *Atlas da historia do descobrimento da America*, que Kunstmann e outros publicaram em 1859, reproduzindo fielmente as cartas originaes dos primeiros tempos da descoberta d'esta parte do mundo, sobretudo o famoso *Atlas* de Fernão Vaz Dourado, desvendaram as confusões e equivocos de Gabriel Soares de Sousa.

Segundo o *Roteiro* de Gabriel Soares o rio que os primeiros descobridores denominaram de S. Francisco, os indigenas, pela sua grandeza, chamavam simplesmente *Pará*, e é o mesmo rio que no mappa de Barlœus traz a denominação de *Parapitinga*(36).

Ao rio que hoje chamamos *Japaratuba*, no *Roteiro* vem com o nome de *Ubirapatiba*, de que o primeiro é por certo corrupção. No mappa de Barlœus, já do seculo XVII, o

(35) *Noticia do Brasil*, parte 1ª, cap. 22.

(36) Entre o *Maniçoba* e o rio *Maroim*, ou de Lourenço de Sousa, como lhe chama Barlœus, se achava o curral ou fazendola do Camarão, depois que foi obrigado a abandonar o territorio de Pernambuco, antes do levantamento de João Fernandes Vieira.

nome é *Juparátibuçú*, de que o *Ciriby* e o *Maniçoba* eram affluentes (37).

O *Cotinguiba* ou *Cotindiba* de hoje, o *Roteiro* dá-lhe o nome de *Cirigy*, isto é, *Sergipe*, que prestou o nome ao territorio, e que de corrente principal passou a affluente, occupando o primeiro o seu lugar (38). O nome de *Cirigi* e o de *Cirigy* são conservados por Barlœus.

O *Vasabarris* da época presente tem no *Roteiro* o nome de *Cotigipe*, talvez por equivoco, havendo na sua proximidade o affluente do Sergipe, que lhe conquistou a posição. Em Barlœus, o nome é *Potiitpeba*, ou *Potigypeba*, como nós escreveriamos. A denominação de *Vasabarris*, de que já se usava no tempo de Barlœus, é impropria, mas Gabriel Soares explica o motivo. E o mesmo se póde dizer ácerca da de *Irapirang*, que sómente cabe á um seu affluente á esquerda, que Barlœus escreve *Icaperangu*.

Após este rio o litoral de Sergipe para o sul apenas accusa a existencia de um, que por sua larga embocadura os primeiros navegantes, suppondo que tinha um prolongado curso, o denominaram *Real*, denominação accorde em todos os mappas. Entretanto Gabriel Soares assignala

(37) Um dos affluentes d'este rio era o *Marecagi*, que deu o nome á nova capital da provincia, já corrompido em *Aracajú*.

A nova cidade não foi, como se pretende, edificada no logar da primeira, S. Christovão, destruida pelos hollandezes. Esta tinha o seu assento á margem esquerda do *Cirigy*, hoje *Cotindiba*, e mui proxima á barra e do *Apicum-Pomonga*, que Barlœus chama *Apacuy-Pomonga*. Na *Razão d'Estado* a fortaleza se acha á direita do rio.

(38) *Parapetinga*, contracção de *Paranapetinga*, rio de aguas claras ou limpas, segundo Martius; mas quanto ao rio de S. Francisco, a significação é outra: *rio de águas brancas*, isto é, barrentas, como são as d'este rio.

Paranapetinga, ao pé da letra, quer dizer—caminho de agua branca.

mais um rio entre o Vasabarris e o Real, que chama rio da *Canafistula* ou do *Pereira*, cuja foz pretende que estava situada duas leguas ao norte da do Rio Real. Manifesto equivoco de sua parte, como já deixámos notado.

Mas a indicação de Gabriel Soares quanto á um rio denominado da *Canafistula* é preciosa, por isso que com tal designação era conhecida na Europa occidental, e sobre tudo nos portos do Mediterraneo, a planta medicinal que o commercio obtinha em Alexandria, e em outros mercados no litoral da Syria.

Essa planta, como já notámos em outro lugar, era de proveniencia do Egypto, e de algumas regiões da Asia meridional, e sómente um conhecedor e pratico no commercio, como era Vespucio, podia á primeira vista, e pela simples inspecção de suas vagens, reconhecer e assignalar a semelhança, senão das duas plantas, ao menos das vagens que dos paizes orientaes vinham ao mercado europêo, com as da nossa bella arvore.

Talvez, se Vespucio não acompanhasse a frota, esse assignalamento, em que aliás tanto insiste em sua carta, não se fizesse.

Os italianos, como os romanos, chamavam ao producto asiatico *casia-fistula*, os hespanhoes e portuguezes *canna-fistula*, e os ultimos tambem *cassia purgante*. Os outros povos da Europa, em geral, *cassia*, *casse*, etc.

A circumstancia de se achar um tal producto em nosso territorio, impressionando os nautas como revela a carta de Vespucio, devia naturalmente deixar uma lembrança no roteiro d'essa navegação, tratando-se, como se tratava, do primeiro ponto em que se desembarcava e se travava relações de commercio com os indigenas.

Eis o que bem indica a revelação de Gabriel Soares, quando nos assegura que em um ponto do litoral de Ser-

gipe desemboca um rio chamado de *Cannafistula*, planta que não floresce senão á margem de mananciaes de agua doce, e nunca á beira do oceano.

Se a frota lusitana, depois de passado o cabo de S. Agostinho não póde fazer desembarque senão no littoral de Sergipe, após a enseada de Vasabarris, ou além da foz do Japaratuba ou de Yeatú, e se ao sul d'este ponto encontra-se um rio com o nome de rio da *Cannafistula*, assim conhecido nas cartas e roteiros do seculo XVI, o seculo da descoberta, é claro ou bem presumivel que o primeiro desembarque dos nautas se fez no littoral vizinho á foz d'esse rio.

Gabriel Soares escreveu em 1586, e já assignalava esse ponto no seu *Roteiro*, posto que confusamente; mas, examinados os mappas colligidos por Kunstmann, muito anteriores á essa época, encontrámos o rio da *Cassia*, que é o da *Cannafistula*, bem descriminado.

O mappa sob n. II, que não tem autor conhecido, mas que é antigo, nota os seguintes rios após o de S. Francisco: O rio *Bafra barill*, que evidentemente é o *Japaratuba*, que se lança na enseada tão perigosa de Vasabarris. O rio do *Pereira*: é o da *Cotindiba* actual; o rio de *Caxa*, corrupção de *Cassia*: é o actual de *Vasabarris*, pois a este segue logo a *Punta Real*, a foz do Rio Real, e o rio de *S. Jeronymo*, hoje *Itapicurú*.

Os mappas de n. III e VII apenas apontam os rios de *S. Francisco* e o *Real*. Mas no V, que tem por autor Visconte de Maiollo, e foi organisado em 1510, nota-se além do S. Francisco, os rios da *Cassia*, o *Real* e o de *S. Jeronymo*. A proximidade dos dois primeiros rios bem demonstra que o da *Cassia*, tão proximo do *Real*, era o rio *Vasabarris* do precedente mappa n. II.

Estes dados são perfeitamente confirmados pelo *Atlas*

de Fernão Vaz Dourado, o celebrado cartographo portuguez, trabalho de muito merecimento, organisado em Góa no anno de 1571. No mappa IX se acha em boa ordem e mui claramente notados os rios ao sul de S. Francisco até o Itapicurú por esta disposição: Vasabarris (*Japaratuba*), do Pereira (*Cotindiba*), da Cannafistula (actual *Vasabarris*), e em seguida os rios Real e Itapicurú (39).

N'esta nomenclatura não se lêm os nomes indigenas de taes rios que os nautas ignoravam, e foram depois applicados, fazendo esquecer os primitivos, causando á principio a confusão de que a obra de Gabriel Soares dá testemunho.

Portanto, foi no littoral, proximo á foz do actual rio de Vasabarris(40), que a frota lusitana ancorou, e sem desastre, porque não era a época do inverno, e os ventos que reinavam no momento mostraram-se favoraveis.

(39) No mappa annexo á obra de Theodoro de Bry, de 1627, o actual *Vasabarris* vem com o nome de rio *Canafistolas*, e a foz tão larga que o braço do norte, circumdando uma ilha, tem o nome de rio do *Pereira*, e o do sul rio *Canafistolas*. De modo que faz crêr que o desembarque dos nautas foi na ilha, por mór segurança, e que n'essa ilha foi onde viram as arvores com abundancia d'essa vagem medicinal.

Ora essa ilha, segundo outros mappas, existe de facto á foz do supracitado rio.

(40) *Vasabarris*. E' notavel que este nome já venha notado no mappa de João de la Cosa de 1500, sob a denominação hespanhola de *Baxiabariles*, quasi que na embocadura do rio *Assú*, no Rio Grande do Norte, na hypothese de que o cabo além ou ao sul de porto Formoso seja o de S. Roque; mas á ser o de S. Agostinho o rio com tal denominação, não poderia ser outro senão o Parahyba de norte. Tal é a nossa conjectura.

A descoberta d'essa parte de nossa costa, diz João de la Cosa, foi feita em 1499 por Vicente Yanes Pinçon.

IV

Liquidado este incidente, que nos pareceu importante, e mesmo necessario para bem comprehender-se o pensamento do cosmographo florentino, continuemos com a citação de sua carta :

«.....assentamos de traser deste lugar hum par de homens para aprender a lingua, e vierão tres delles por sua vontade para Portugal.

« Mas como estou cansado de escrever, só posso em breve referir á V. S., que partimos deste porto (41) navegando sempre pelo sudoéste *á vista de terra*, fasendo muitas escálas (42) e fallando com infinita gente.»

Continuando accrescenta, e é este o ponto para que mais chamamos a attenção do Instituto :

« Emfim andamos tanto para o Sul, que já estavamos

(41) O porto, como já vimos, era o de uma ilha á foz do rio de Vasabarris, pelos nautas denominado da *Canafistulas* ou da *Cassia*.

(42) No *Summario de suas navegações*, que vem em Ramusio e que é obra do mesmo Vespucio, lê-se o seguinte :

« Navegamos por esta costa algumas seiscentas leguas sahindo muitas veses á terra, e vindo muitas á fálla com os naturaes, os quaes nos recebião com cortesia e amorosamente, e assim movidos da sua bondade e innocentissima naturesa, nos demoravamos ás veses com elles *quinze a vinte dias*, pois tem uma grande hospitalidade para com os forasteiros »

Com uma tal viagem de exploração, o porto da Bahia não podia escapar de ser reconhecido, como foi, tornando-se uma d'essas escalas a que Vespucio refere-se por muitas circumstancias. E então como poder-se-ha sustentar a lenda de Caramurú, creada adrede no seculo XVII ?

O porto ficou tão assignalado que ahi deixou a frota um padrão; e, na viagem seguinte, foi considerado ponto de reunião dos navios dispersos da nova frota, que ia descobrir Málaca.

fóra do tropico de Capricornio, aonde o polo antartico se levanta sobre o horizonte 32 gráos.....»

Note-se aqui este algarismo 32, pois o suppomos *erro de cópia*, devendo ler-se 23, ou melhor 25, pelo que mais adiante vai-nos Vespucio dizer (43):

«.....e já tinhamos perdido de todo a ursa menor (44), e a maior estava tão baixa que apenas apparecia no fim do horizonte.....»

Esta circumstancia tambem é digna de nota, tanto mais quanto se harmonisa com a nossa conjectura.

Vespucio pelo theor de sua descripção parece que apenas acabava de ultrapassar o tropico de Capricornio; portanto estava á 23 e meio gráos, 24 ou 25, por isso que a Ursa maior *apenas apparecia no fim do horizonte*.

Humboldt, no seu *Exame critico da historia da geographia do novo continente* (45), com quanto diga em nota, tratando d'esta parte da carta de Vespucio, que a frota estaria além de 38 gráos e dez minutos, tomando somente em consideração as grandes estrellas (*canopos*, como dizia Vespucio), em outro lugar da mesma nota assegura o seguinte: «Toda a ursa maior roçava ainda o horizonte em 25 gráos e 35 minutos de latitude austral»; portanto pouco mais ou menos pela altura, senão de S. Vicente, da Cananéa (46).

(43) Esse erro de cópia póde ser com mais razão 25, quasi na latitude da Cananéa, que pouco mais ao sul se acha, porto onde Martim Affonso encontrara o *bacharel*.

(44) Esta constellação, segundo Humboldt, desapparece á vista em 16 gráos e 24 minutos de latitude sul.

(45) Tomo V, secção II, n. 6, á pag. 47.

(46) Eis a nota:

«Não considerando senão as grandes estrellas das duas *Carroças*, segundo o uso dos pilotos daquella epocha, *n* da grande Ursa desappareceria já em 38° 10', e *y* da pequena Ursa em 16° 24' de latitude austral (sem o effeito de retracção).

E o que diz o eminente Humboldt se acha de accordo com o que relata Schmidel no cap. 39 de sua interessante *Viagem*, ou antes peregrinação, quando, acompanhando Alvaro Nunes Cabeça de Vacca em uma expedição militar, subira o Paraguay, e penetrára no territorio da Bolivia, além do Chaco, no paiz dos *Chiquitos*, precisamente por aquella latitude (47).

Continuando accrescenta :

«.....e assim nos governamos pelas estrellas do outro pólo antartico, que são muitas, muito maiores, e mais lusentes que as do nosso, etc.

« Corremos algumas setecentas e cincoenta leguas desta costa, a saber 150 do cabo de S. Agostinho para o Ponente, e 600 para o Sudoéste.»

Temos, pois, aqui definida em leguas a extensão da

«São sete estrellas que compoem cada uma das constellações que o povo designa debaixo do nome de *carroças*, aquellas cuja distancia polar é maior.

«Toda a grande Ursa roçaria ainda o horizonte aos 25° 35' de latitude austral. As declinações de Piazzi foram reduzidas para o anno de 1500.»

Por isso Humboldt suppõe que Vespucio n'esta passagem declara ter alcançado 50 gráos de latitude sul.

(47) Eis o que diz Schmidel :

«Nunca vi entre os Surucusis um só homem que tivesse 40 ou 50 annos, nem paiz mais insalubre. Está situado *sob o tropico do Capricornio*, e onde o sol bate perpendicularmente. Este clima é tão pestilento como o de S. Thomé.

«Eu tornei a ver entre estes Indios a constellação chamada carroça, ou a *grande Ursa*, que não tinhamos mais visto depois que passamos as ilhas de Cabo Verde.»

Isto é uma exageração tão commum nos antigos navegantes. Mas parece-nos antes um engano, querendo Schmidel referir-se á *pequena* Ursa.

viagem feita pela frota desde o cabo de S. Roque (48), primeiro ponto alcançado na costa do Brasil, até o ultimo em que foi, ao que se diz,abandonada. Este numero de leguas corresponde com o numero de gráos do *Summario*, que a frota navegou, á saber: 25 e meio gráos pouco mais ou menos.

Mas completemos a citação que nos falta d'esta carta para que possamos apreciar e comparar todos os elementos que nos levam a firmar nossa opinião quanto ao ultimo ponto do littoral do Brasil em que tocou a frota lusitana.

« Se eu me propusesse, diz Vespucio, a contar as cousas que vi n'esta navegação, não teria papel bastante, mas pode-se dizer que n'ella não encontramos nada de proveito *excepto infinitas arvores de pau Brasil e de Cannafistola*, as de que se tira a myrrha, ... »

Eis o seu principal limite n'essa exploração da frota, as-

(48) E' questão se a frota de Vespucio foi precisamente ao ponto do Cabo de S. Roque, se pelo contrario ao denominado—*os Marcos*, isto é, mais ao sul, entre as bahias Formosa e da Traição. Este é o nosso parecer.

Para isto temos as seguintes razões:

1.°—Vespucio diz em sua carta de 1502 que, na primeira terra que avistaram e desembarcaram tomou-se posse d'ella em nome de El-Rei de Portugal: portanto chantaram-se padrões, isto é, titulos de dominio em pedra. O lugar *os Marcos* bem indica que ahi se executou uma tal ceremonia, e talvez ainda existam estas provas materiaes.

2.°—I. da C. Quintella, vice-almirante da armada Real, nos seus *Annaes da marinha portugueza*, tomo I, pag. 260, diz sobre este assumpto, em uma nota, o seguinte:

« Parece que seria o Cabo de S. Roque, que está em latitude Sul cinco gráos e sete minutos; e mais provavelmente algum ponto da costa ao sul d'elle, aliás se perderiam nos baixos do mesmo nome, que correm desde o cabo para o norte. »

3.°—Vespucio refere-se á *uma terra*, e não á *um cabo* como declara quando trata do de S. Agostinho.

Vide supra nota 28.

signalado não já por leguas e grãos, mas pelas producções intertropicaes, e pouco alêm, e continúa por esta fórma :

«....e outras mais maravilhas da natureza, que seriam longas á referir (49), havendo já bons *dez mezes* que via-

(49) No *Summario* das suas navegações Vespucio é mais explicito, dá noticias da terra mais detalhadas quanto á população, cujos usos e costumes descreve, e quanto ás producções dos tres reinos da natureza. Trasladaremos n'esta nota alguns trechos do artigo que Vespucio traçou.

« Este paiz é o mais povoado que eu tenho visto, e as gentes muito domesticas e mansas: não offendem á ninguem, andam sempre nuas, são muito bem feitas de corpo, e a sua cor é avermelhada, etc.

« Nas orelhas trazem ornatos mais preciosos com anneis e perolas pendentes, segundo o uso dos egypcios e indianos. Estes povos não tem propriedade alguma, porem sim tudo em commum sem rei nem imperio. .. nem religião alguma. »

Se Americo Vespucio houvesse desembarcado no littoral do Uruguay poderia descrever os indigenas, sobretudo os *Charruas*, negros, horrendos e intrataveis, da mesma sorte como os de raça *tupica* da nossa costa, desde o Rio Grande do Norte até S. Vicente, ou antes até Cannanéa, onde havia no littoral a ultima aldêa d'essa raça?

Não é crivel. Continuemos :

« O paiz é mui temperado, fertil e deleitoso: bem que tenha muitas collinas, é comtudo regado de infinitas fontes e rios, e tem os bosques *tão cerrados* que não se pode passar por entre as arvores. »

Serão estas as scenas das regiões mais meridionaes do Brasil?

« Os fructos crescem espontaneamente e sem cultura, são optimos, em grande abundancia, sadios, e totalmente differentes dos nossos.

« Igualmente produz a terra infinitas hervas e raizes de que fazem pão e outras iguarias. Todas as arvores exhalam um cheiro tão suave, quanto é possivel imaginar, e estillam gomma, licores, e succos, cujas virtudes se nós as conhecessemos, penso que viriamos no conhecimento que não falta aqui nada, não só para o prazer, mas para nos manter sãos, e fazer recuperar a saúde perdida.

javamos (isto é, de 10 de Maio á 15 de Fevereiro), vendo que *na terra* não achavamos mina alguma (50) resolvemo-nos a deixal-a e *ir exâminar o pais* por outra parte (51), e assim se determinou seguir aquella navegação, que me parecesse bem; incumbindo-me *absolutamente* do commando da armada (52).

« O céo e o ar estão raras vezes cobertos com nuvens, quasi sempre os dias são serenos, algumas vezes cahem cassimbas em pequena quantidade, e não duram mais de tres ou quatro horas desfazendo-se á maneira de nevoa, etc. »

Esta descripção bem revela que Vespucio não viu as nossas regiões meridionaes, muito além da latitude de 25°; e quem sabe se fôra além de 32°!

(50) No *Summario* diz Vespucio quasi o contrario, n'estes termos:

« O paiz não produz metal algum senão ouro do qual ha grandissima abundancia, bem que n'esta primeira viagem não tivessemos tirado nenhum: mas certificarão-nos indubitavelmente d'isso todos os naturaes, que affirmavam ser o terreno muito abundante d'elle, e muitas veses ouvi que entre elles tinha muito pouca estimação, e quasi valor nenhum. »

(51) *E ir examinar o paiz por outra parte.* Estas palavras demonstram ainda que a viagem da frota de Americo Vespucio não navegava com rumo á le-sueste, o que o *Summario* confirma nas palavras — « verso il polo Antartico navigando por esso detta costa trasspassarono il tropico hyemale verso il detto polo gradi 17 et mezzo. »

E mais adiante:

« Fummo adunque tra noi di concorde parere di navigar presso diquesta costa, et di non lasciarla mai di vista. »

Quintella, nos *Annaes da Marinha Portugueza* tomo 1, pag. 263, nota, diz — que a frota continuou a tomar ainda de 15 de Fevereiro de 1502 em diante o rumo do *sudoeste*, com quanto a carta de Vespucio diga o rumo de *es-sueste*, erro palpavel, porquanto a direcção da costa que ainda seguia a frota era pelo sudoeste.

(52) Eis a melhor prova de que Americo Vespucio ia na armada lusitana astronomo piloto ou cosmographo, do que como chefe ou capitão-mór, posto confiado á portuguezes.

Esse capitão-mór não era outro senão André Gonçalves, o commandante do transporte de mantimentos, que fôra levar á D. Manoel,

« Mandei, pois, *fazer provimento de agoa e lenha* para seis mezes, que tanto julgaram os officiaes das náos que podiamos navegar com ellas (53): e feito isto principiamos a nossa viagem pelo *Les-Suéste* (54) aos quinze de Fevereiro

por ordem de Pedro Alvares Cabral, a noticia da descoberta, e portanto o que devêra ir mostrar o caminho ao cosmographo para levantar-se a carta do littoral já descoberto.

Foi com razão Vespucio escolhido para esta commissão, por isso que, além de cosmographo ou astronomo, tinha pratica de viagens á America, em que os portuguezes não eram ainda peritos.

A obscuridade do nome do capitão-mór não admira, em razão do procedimento tão reservado da côrte lusitana n'estes assumptos. E posto que o personagem fosse pouco conhecido, era indispensavel para guia do caminho.

Não era possivel ser D. Nuno Manoel, em razão de sua alta posição official na côrte, e não ser elle maritimo, e demais sendo a missão, para a época, de mui somenos importancia. Mas este fidalgo, por suas riquezas e valimento, tinha navios que por sua conta navegavam, com permissão Real, tanto para a costa de Guiné, como para a India e America.

A carta publicada por Varnhagen no opusculo *Novos esclarecimentos a respeito de Americo Vespucio*, de Alvaro Mendes de Vasconcellos escrita de Medina del Campo em 14 de Dezembro de 1531 bem o comprova, assim como, quanto a primeira parte, Damião de Góes na *Chronica de D. Manoel*. pag. 1, cap. 5, e p. 4, cap. 36.

D'estas licenças Reaes outros fidalgos obtiveram em differentes epochas.

(53) Estes preparos de viagem não se poderia fazer em littoral desabrigado como por exemplo o de Albardão e o do Chuy, onde a lenha para as náos não seria talvez fácil obter-se.

(54) *Le-sueste*.

Quintella nos *Annaes da marinha portugueza* tomo I, pag. 263 assegura que o rumo da frota era Sudoeste, sendo um erro palpavel a direcção Le-sueste, quando outra (sudoeste) é a da costa.

E tanto a observação d'este official de marinha parece fundada, que Pêro Lopes de Sousa, em 1531, tomou o rumo do Sudoeste quando de S. Vicente seguia para o Sul, e mesmo póde-se dizer da Cananéa.

(de 1502), quando o sol estava visinho ao equinocio, e voltava para este nosso hemisferio septentrional.

« E tanto navegamos por este rumo, que a elevação do Polo antartico sobre o nosso horizonte era de cincoenta e dois gráos *e desde então* . . . . .

Note-se mais esta circumstancia que contraria a importancia do algarismo da graduação.

« . . . . . não viamos mais estrella alguma da *grande*, nem da pequena Ursa (55), estavamos distantes *da terra* d'onde tinhamos partido boas quinhentas leguas (500) *Les-Sueste* e isto aos tres de Abril . »

Se, segundo Humboldt, as estrellas das duas Ursas deixam de ser completamente visiveis na latitude austral de 38 gráos e dez minutos, Vespucio não podia em 3 de Abril usar d'aquella linguagem se se achasse tão distante na latitude de 52 gráos. Ora n'esse dia a frota mudou de rumo, como se vai vêr, e portanto na latitude de 38° 10' de nosso hemispherio pouco mais ou menos não teria alcançado além das latitudes menos meridionaes da Patagonia (56).

O capitão-mór portuguez não queria continuar mais a exploração: mas insistindo por ella Vespucio, encarregou a este de dirigir a viagem para outra parte sem abandonar e antes seguir o littoral, como fez.

E mesmo o proposito de fazer viagem pelo Atlantico, deixando o littoral ao Sudoeste, seria um cumulo de extravagancia e em contrario ás ordens do rei.

(55) A Ursa menor perde-se primeiro de vista que a maior, ao 16° 24' de latitude austral.

(56) Sendo assim não era possivel que a frota podesse ter alcançado nem as illas Malvinas, a terra do Fogo, e menos ainda a illa de Georgia. O impulso do vento do Sudoeste, e as leguas percorridas pela costa quasi na mesma direcção, não permittiria ir além de 40° ou 41 gráos de latitude austral, e o littoral inhospito da Confederação Argentina, e a nossa costa do Rio Grande do Sul, se harmonisam com a narração de Vespucio sem ser preciso ir tão longe como a 52 gráos.

«N'este dia (3 de Abril) principiou no mar uma borrasca tão grande, que nos fez ferrar de todo as vélas, corriamos arvore sêcca com um vento muito forte (que então era Su-Sudoeste) com muito grande mar, e o ar muito carregado, sendo tal a furia do vento, que toda a armada estava na maior consternação.

«As noites eram muito grandes, e a de sete de Abril foi de quinze horas (57), porque o sol estava no fim de Aries, e era *então inverno* n'estas paragens (58), como V. S. pode facilmente comprehender.

«Estando, pois, assim afflictos, no dia 7 de Abril tivemos vista de huma *nova terra*, a qual corremos cousa de vinte leguas (59), e achamos toda a costa brava, sem porto, nem gente alguma, e era tanto o frio que ninguem da armada se podia valer, nem supportal-o etc.»

Portanto temos tres importantes dados a apreciar, afim de que possamos assignalar o ponto *ultimo* em que a frota lusitana estacionou em nossa costa.

A graduação, o numero de leguas percorridas na exploração da costa, e as producções relatadas. Depois de comparados estes dados, os confrontaremos com os mappas publicados durante aquellas eras, e que poderam chegar á nossos tempos.

(57) Esta indicação *quinze horas*, que não se dá senão nas latitudes de 38° á 40°, com a circumstancia do assignalamento da invisibilidade da Ursa maior, comprovam nosso acerto, isto é, que Vespucio não alcançou o grão 50 e menos 52. Houve engano ou erro na cópia dos algarismos.

Apesar da intrepidez de Vespucio e de seus companheiros é natural que, perdendo de vista as ultimas estrellas da Ursa maior, temessem continuar mais longe a viagem, *maxime* com a tempestade que havia, e assim procurassem terra. Achando a costa inhospita e despovoada preferiram aproar para o norte, e volver para Lisboa.

58) Isto he inexacto.

(59) Vide a nota precedente n. 57.

A graduação notada na carta de Vespucio leva muito ao sul o littoral percorrido pela frota, mas o numero de leguas vencido (60), e as producções notadas restringem muito o percurso. Basta notar o pão-brasil e a cannafistula, productos que mais lhe attrahiram a attenção, para demonstrar que a frota não attingiu com exploração regular e detida o nosso littoral meridional, além de 25 gráos. D'ahi em diante não ancorou em parte alguma.

O illustrado annotador portuguez das cartas de Vespucio, firma a convicção de que pela enumeração das leguas percorridas, que não podiam ser de vinte ao grão (61), a frota não podia alcançar ou antes ancorar em portos da latitude austral de trinta e dois gráos, pelas regiões pouco abastecidas de arvoredo e mesmo pouco accessiveis, de territorio da nossa provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul e da republica oriental do Uruguay. Sua opinião se fixa no ponto de S. Vicente, onde depois veiu estabelecer-se Martim Affonso de Sousa, em 1532, cuja latitude austral pouco além vai de 23 e meio gráos. Eis suas palavras:

« Ora como as 600 leguas do cabo de S. Agostinho para diante, devem ser iguaes cada uma de per si as 150 anteriores (do cabo de S. Roque ao dito cabo); a governarmo-nos por esta conta, não passaria (*a frota*) do rio de S. Vicente que fica em 23 gráos e meio, e por conseguinte tambem já fóra do tropico de Capricornio. »

(60) Quintella, nos *Annaes da marinha portugueza*, tomo I, pag. 260, nota (2), diz, que a distancia percorrida pela frota de Cabo Verde á costa do Brasil onde primeiro aportou, 700 leguas, era excessiva, assim como todas as declaradas por Vespucio (ou seu copista). Mas advirte « que os italianos contavam *quatro milhas* por cada legua e assim o grão tinha *oitenta milhas*. »

(61) O traductor portuguez das *Cartas* de Vespucio na collecção de *Noticias sobre as nações ultramarinas*, diz que os gráos d'aquella época eram de 15 leguas.

Em abono d'esta opinião ha ainda a circumstancia do nome dado ao local, resultante do estylo adoptado, isto é, mediante o almanack. Assim deu-se á ilha de S. Sebastião o nome d'este santo por isso que sua descoberta fez-se a 20 de Janeiro, assim como o de *rio de S. Vicente* á emboca dura formada pelas aguas que cercam a ilha do mesmo nome, onde fundou-se a villa de igual denominação, e depois a cidade de Santos, por isso que a frota alli chegára á 22 de Janeiro de 1502.

O espaço decorrido entre essa data e a partida da frota na direcção de les-sueste a 15 de Fevereiro foi empregado no córte de madeiras para lenha e aguada, explicação facil de admittir.

A éstas circumstancias accresce que o porto de S. Vicente era mui conhecido dos navegantes que frequentavam o nosso littoral meridional com esse nome nos principios do decimo sexto seculo, como já notamos.

Mas se todos estes dados excluem a pretenção de haver a frota lusitana navegado pelo nosso littoral até á latitude de 32 gráos não permittem acolher o ponto de S. Vicente como o ultimo em que tocou aquella frota, como parece que com sobejidão iremos mostrar, cabendo essa distincção ao de Cananéa, por mais de uma solida razão.

A palavra *Cananéa* (62) parece ser a corrupção de alguma expressão indigena, mal comprehendida pelos primeiros

Referindo-se á distancia que percorreu a frota da ilha de Fernando á Bahia, e a róta que julga acertada, diz Quintella nos *Annaes da marinha portugueza*, tomo I, paz. 277, nota (1, que essa distancia e róta — « não concordam mal com o verdadeiro rumo, e distancia entre a a Bahia e a ilha de Fernando, attendendo a que Vespucio conta por leguas mais pequenas, que as nossas leguas maritimas. »

(62) *Cananéa*. — Este nome tambem não póde referir-se ao paiz de Chanaan, significando paiz de abundancia, por isso que nenhum documento do tempo o declara; e menos referir-se á celebrada Syro-

navegantes; e em alguns mappas d'aquelle tempo esse local tem o nome de *Cananor*, que nada tem de commum com o porto da India na costa do Malabar, em razão da discordancia das épocas em que um foi descoberto, e o outro pouco conhecido e conquistado (63).

Cananéa e S. Vicente eram dois pontos do nosso littoral sul mui conhecidos dos navegantes, como prova, e mui bem, o *Diario* de navegação de Pêro Lopes de Sousa.

Em Cananéa estava a ultima aldéa dos *Tupis* e começava o dominio dos *Carijós*, e como limite era mais povoada do que S. Vicente, como o mesmo *Diario* dá noticia.

Melhor que S. Vicente, sua posição se ajusta com a circumstancia da desapparição ou occultamento da constellação da Ursa maior. A sua latitude mais meridional vai um pouco além de 25 gráos.

Por outro lado, na ponta ou pontal de Cananéa, denominado de Itacurussá, perto ou fronteiro da ilha do *Bom Abrigo*, foi onde se acharam os celebres padrões de marmore com as quinas reaes (64), que os navegantes portuguezes costumavam deixar em pontos do littoral, quando iam á descobertas. E era mui natural que, deixando a

Phenicia de Sarepta, pois seria preciso que se tratasse de um caso de fé profunda e extraordinaria para que o *simile* se podesse estabelecer.

Demais a palavra *Canânor* dos primeiros mappas exclue toda a approximação de semelhante denominação com aquella personagem.

Portanto, se os portuguezes mantiveram semelhante nome, foi porque assim denominavam os indigenas da localidade, a sua aldéa.

(63) Tendo André Gonçalves ido á descoberta da India com Vasco da Gama, podia saber da existencia de *Canandr*, onde o cabo lusitano foi melhor acolhido, com quanto não quizesse desembarcar.

(64) Ayres do Casal assim os descreve em sua *Corographia*, tomo 1, pag. 188, nota 1:

« Na entrada da barra da *Cananéa* da banda do continente, sobre

frota o littoral brasilico para se lançar ao oceano com outra direcção (65), deixassem bem assignalado o ponto de sua ultima exploração, para em qualquer tempo assegurar-se o direito de Portugal.

Tanto no porto de S. Vicente, como no de Cananéa, foi encontrado o *bacharel* por nautas portuguezes, como dão testemunho a carta de Diogo Garcia, piloto ao serviço da Hespanha, e depois Pero Lopes de Sousa no seu *Diario*; notando-se que no aldêamento mais meridional foi elle encontrado com mais companheiros, sobretudo os seus generos, em geral da proveniencia de Castella.

Sendo mais importante a aldêa da *Cananéa* é de presumir, ha quasi certeza, que alli, de preferencia, deixasse a frota dois degradados, como faziam os portuguezes em outras partes, e notavelmente em Porto Seguro.

umas pedras, está um padrão de marmore Europêo, com quatro palmos de comprimento, dois de largo, um de grossura, e *as armas reaes de Portugal sem castellos*; posto que mais deteriorado que muitos pensariam, bem se conhece que foi collocado em 1503.»

Essas armas eram simplesmente *quinas*.

Na nossa *Revista*, tomos 12, 13 e 21, no ultimo á pag. 439, o nosso consocio Varnhagen exprime-se n'estes termos:

« Tentado pela curiosidade, á vista da noção que de um d'estes padrões, situado em um pontal defronte da ilha da Cananéa, faz o paulista Fr. Gaspar, fui em pessôa no local em Janeiro de 1841; e não encontrei ahi um só, mas tres padrões, *apenas com as quinas*, e sem esphera e nem castellos, nem a data.

« Os padrões eram iguaes; estavam juntos, um ao meio, com seus dois tenentes aos lados; d'estes um tinha cahido e estava lá mui no fundo, onde o levára o rôlo do mar que o cobria, sendo já sujo de ostras e sururús. Lá o deixamos em paz. »

Exclusivo o numero, o que diz Casal conforma-se com Varnhagen.

(65) *Le-sueste*. Vide supra notas (51) e (53) á pags. 200 e 201.

No roteiro de Fernando de Magalhães, que vem no tomo 4, da *Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas*, pag. 151, em nota, tambem ha uma direcção de rumo

Portanto, os *padrões*, e os *degradados*, que, por hypothese, suppomos dois em numero, não podiam deixar de ser os melhores assignalamentos da descoberta lusitana, e do respectivo direito de prioridade e de senhorio. A presença dos ultimos de certa maneira, na hypothese figurada, constituia um indicio precioso de que Cananéa, se não era o ponto terminal da viagem exploradora e detalhada do nosso litoral, não deixava de ser ponto de summa importancia, e portanto bem considerado.

Ora, cumpre ainda accrescentar que nos primeiros mappas, que na Europa se publicaram sobre esta parte da Ame-

pelo sueste, pela costa meridional do Brasil, e ha uma emenda declarando *sudoeste*, resultante de outro manuscripto do mesmo roteiro, que era contraposto e comparado.

Examinando de novo a questão, parece-nos que não se deve alterar a declaração do Vespucio: que aliás diz em sua carta, que, feito o provimento de agua e lenha, *principiára* a sua viagem de Cananéa pelo Le-sueste, porquanto no roteiro de Pêro Lopes de Sousa dá-se a mesma circumstancia no começo da partida, com o vento léste, mas o rumo sul, para depois tomar o sul-sudoeste.

Não se tratando de rumo, mas de vento, o que o original italiano e traducção latina de 1507 sustentam, é claro que não comprehenderam Vespucio, os que suppõem que elle obrigado a explorar a costa do Brasil, se fizesse ao mar em contraposição ao seu encargo, e menos ainda os que tomam como direcção de derrota o vento que aproveitava a frota.

Eis o que diz o original italiano:

« *Comunciamo nostra navicatione per el vento scilocco: e fu a dì 13 de Febraio, etc.* »

E mais adiante:

« .... *e tanto navicamo per questo vento, etc.* »

E ainda:

« 500 *leghe per scilocco, etc.* »

Traducção latina de 1507:

« *Et inde navigationem nostram* per serocum ventum *initiantes, etc.* Vide *Amerigo Vespucci*, por Varnhagen, pag. 60.

rica, o ponto da *Cananéa* é o ultimo assignalado, posto que com a denominação de *Cananôr*, immediatamente á S. Vicente.

O primeiro mappa de que ha noticia é o levantado por João Ruisch, sob a direcção de Fr. Marco Beneventano, religioso celestino, editor da obra de Ptolomeu, que se imprimiu em Roma, em 1508. Esse mappa, contendo os novos esclarecimentos do mundo então conhecido (*Universalior cogniti orbis tabula ex recentioribus confecta observationibus*), foi feito, quanto ao nosso paiz, conforme as cartas, já então publicadas, de Americo Vespucio, e não podiam ter outra fonte, como reconhece o traductor portuguez, e as proprias notas estampadas no mappa melhor justificam(66).

N'esse mappa vêm reunidas as descobertas de João de la Cosa, ou o Biscainho de 1500, com as da frota lusitana,

(66) Um portuguez não daria taes informações, salvo se quizesse expatriar-se, pelo interesse que havia, sobretudo o governo, de tudo occultar aos estrangeiros. E mesmo entre os que foram não havia quem podesse fazêl-o convenientemente.

Vespucio não estava nas mesmas circumstancias; pois, com quanto houvesse sido o cosmographo da armada, já estava fóra do serviço de Portugal, e privado do seu roteiro. Sem esta circumstancia taes mappas estariam melhor traçados, e com a nomenclatura completa dos pontos percorridos pelos exploradores.

Não obstante, as informações foram dadas por alto; não se desceu a detalhes. Vespucio reservava para si o exhibil-os em obra que preparava, contendo a narrativa de todas as suas viagens e descobertas, mas a morte, infelizmente, impediu-o (22 de Fevereiro de 1512).

Suas cartas, de caracter todo particular, foram logo impressas no idioma patrio, e traduzidas em latim desde 1504 e 1507.

O convite que lhe fez D. Manoel tinha seu fundamento na pratica que Americo adquirira em viagens para o Novo Mundo, o que não tinham os pilotos portuguezes, mui habilitados nas navegações para a costa d'Africa e recentemente para as Indias orientaes.

onde embarcou Vespucio em 1501 e 1502. As inscripções latinas são de todo conformes com as cartas de Vespucio, pela primeira vez impressas em 1504 a 1507 em differentes lugares da Italia.

Registremos aqui essas inscripções :

« *Terra Sanctæ Crucis sive Mundus novus.*

« Passim incolitur hæc regio quæ à plerisque alter Terrarum orbis existimatur. Fœminæ maresque vel nudi prorsus, vel intextis radicibus aviumque pennis ornati incedunt. Insunt margaritæ atque auri maxima copia. Avehuntur à Lusitanis ligna *brasi*, aliàs *verzini* et *cassiæ*. »

Abaixo do lugar denominado *rio de Cananor*, ultimo ponto assignalado após o *rio de S. Vicente*, como o mappa os denomina, lêm-se as seguintes palavras :

« Nautæ Lusitani partem hanc terræ hujus observarunt et usque ad elevationem Poli Antartici 50 graduum pervenerunt, nondum tamen ad ejus finem austrinum. »

Na descripção d'esse mappa, feita por Fr. Marco Beneventano, religioso celestino, editor já notado, da mesma edição de Ptolomeu em fórma de *Appendix*, diz o escriptor no fim estas palavras:

« Daqui (refere-se á terra abaixo do tropico de Capricornio) mette para dentro (*o territorio*) pouco a pouco tambem para o Occidente, até a latitude meridional de 37 gráos, e longitude de 332. Ainda que os primeiros navegadores Portuguezes navegaram até á latitude meridional de 50 gráos, segundo dizem: comtudo não achei descripta a costa *d'aqui para diante*; e assim basta o que deixo dito á respeito d'esta terra. »

De onde parece concluir-se que a frota lusitana approximou-se á terra em 37 gráos, e por isso pôde autorisar a descripção que lê-se no mesmo *Appendix*, e que se conforma com o que acima dissemos, quando tratámos das

vinte leguas em costa desabrida, em ponto que levamos á 38 gráos, pouco mais ou menos.

Convem ainda notar que, a regularmo-nos pelo *Summario* das mesmas navegações, publicado na collecção de Ramusio, no cap. II, Vespucio não foi além de 41°, navegando sempre á vista de terra 17 gráos e meio para o sul, além do tropico de Capricornio.

« Tanto navigamo *presso di detta costa*, che traspassammo il tropico hyemale verso polo Antartico per 17° e 1/2. »

Portanto sua navegação não ultrapassou quando muito de 41° gráos no littoral argentino, onde se deram e se podiam dar todos os phenomenos de que nos dá noticia após 3 e 7 de Abril de 1502(67). Tudo o mais que allegou-se ou foi exageração, ou erro de algarismo.

Mas ainda que fossem de Vespucio, como são, as cartas que se haviam publicado na Italia, não era isto bastante para se organisar um mappa com os nomes dos lugares respectivos; e, se se fez, por certo foi com apontamentos seus; nenhum outro então os poderia dar. Isto portanto vem assegurar o que havemos asseverado, isto é, que o ponto ultimo de nossa costa em que tocou a frota exploradora portugueza, onde servia Vespucio, foi precisamente *Cananéa* ou *Canamor*, como mostra a carta de Ruysch, de 1508.

O outro mappa em que podemos tambem apoiar nossa opinião é o da America, da edição de Ptolomeu de 1513, do qual nosso illustrado consocio, o Sr. visconde de Porto

(67) O nosso illustrado consocio visconde de Porto Seguro, ainda depois de uma tal confissão, pretende que Vespucio foi esbarrar á ilha da Georgia austral, entre 53° 57' e 54° 57', quando a frota não se apartou da vista da terra ou do litoral. Os navegantes não desembarcaram em parte alguma, após Cananéa, do contrario as localidades teriam nome, de que os mappas da época dariam noticia.

Seguro, publicou o *fac-simile* em seus trabalhos tão interessantes sobre Vespucio.

N'esse mappa ainda as ultimas terras do nosso territorio são os portos de S. Sebastião e o de S. Vicente, e o *rio de Cananor* (Cananéa). Ora se Vespucio ou quaesquer outros exploradores houvessem estendido os seus conhecimentos, além d'esse ponto, até aquella época, seriam, pelo interesse que já tanto excitavam, contemplados no mappa os lugares reconhecidos. Este mappa, sendo a reproducção do de 1508, com alguns accrescimos intermedios, é favoravel á nossa conjectura, isto é, de que a Cananéa foi a ultima terra do nosso littoral reconhecida pelos primeiros exploradores lusitanos, e S. Vicente a penultima.

Mas será sempre um segredo até á descoberta de novos documentos, a razão do nome de *Cananor* ou *Cananéa*.

Consequentemente os degradados, que alli deixou a frota com os padrões da ponta Cananéa ou Itacurussá(68), são factos mui importantes, e assignalam bem esse ponto como o ultimo em que tocou a frota no littoral sul do Imperio.

Os padrões ou marcos alli encontrados têm pois sua razão de ser quanto ao primeiro descobrimento, que era firmar e assegurar a posse da potencia que ordenou a exploração, como bem diz Americo na sua primeira carta, logo que a frota chegou á primeira terra do nosso littoral.

Os padrões de Cananéa não foram alli deixados nem por Martim Affonso de Sousa em 1531, como pretendem os tres paulistas Fr. Gaspar(69), Machado de Oliveira(70) e vis-

(68) Hoje diz-se *Tacurussá*, pedra da cruz. Outr'ora, segundo Manoel de Figueiredo, o nome indigena era *Itacoatiara*.

(69) *Memorias*, tomo I, n. 52.

(70) *Quadro historico da provincia de S. Paulo*, pag 20.

conde de Porto Seguro(71); e nem por Gonçalo Coelho, como com mais fundamento suppõe Ayres do Casal, apoiando-se provavelmente em Gabriel Soares(72), e ainda nas razões de exclusão da frota de Americo Vespucio, exhibidas por Fr. Gaspar em suas *Memorias*, liv. I, n. 11, todas *contraproducentes* pelo que hoje se conhece d'essa navegação: e antes, de suas palavras, vê-se que era o douto Visconde mais favoravel á Vespucio(73) do que á Gonçalo Coelho.

Gabriel Soares na *Noticia do Brasil* sustenta que Gonçalo Coelho e Christovão Jacques empregaram-se em explorar o nosso littoral, e em muitos pontos fixaram padrões ou marcos, e outro tanto não diz de Martim Affonso de Sousa (74). E comtudo trata do *cabo do Padrão*, a ponta da Cananéa ou de Itacurussá, declarando que assim se chama por alli se assentar um pelos *primeiros* descobridores da costa (75). Ora, pelo que se tem visto, a frota de 1501 onde ia Vespucio, primeiro que qualquer outra tocou em Cananéa.

E não podia ser Christovão Jacques, por isso que seus trabalhos, quaesquer que fossem, não se realizaram senão no reinado de D. João III (1525), quando Cananéa já

(71) *Revista do Instituto*, tomo 12, pag. 366; tomo 13, pag. 229, e tomo 21, pag. 438 e 439. E ainda na *Historia do Brasil* na primeira e na segunda edição.

(72) *Corographia Brasilica*, tomo 1, pag. 188, nota 1, da edição do Rio de Janeiro de 1833.

(73) Nas notas á obra de Gabriel Soares é o illustrado visconde de Porto Seguro favoravel á nossa opinião.

Não tendo examinado com mais estudo a questão, tambem já partilhámos a doutrina sem fundamento de Ayres de Casal.

(74) *Noticia do Brasil*, parte 1, cap. 1 e 60.

(75) Idem, cap. 65.

era mui conhecida (76); e nem por Gonçalo Coelho, pelo que acima já fica declarado.

Sobreleva ainda notar que, confrontando as cartas de Vespucio das duas viagens que fez ao Brasil por conta do rei de Portugal com o ultimo capitulo da obra de Gabriel Soares, na primeira parte, vêr-se-ha que o périplo de

(76) Ayres do Casal sustenta na introducção á sua *Corographia* que Christovão Jacques fôra o segundo capitão-mór que veiu á costa do Brasil fazer explorações, depois da primeira expedição, fundado na declaração de Gabriel Soares; mas ao mesmo tempo assegura que este escriptor se enganára, quando suppõe este acontecimento no reinado de D. João III.

Parece que em toda esta discussão ha um *qui pro-quo* que cumpre desfazer.

O governo portuguez mandou logo explorar a costa do Brasil não duas vezes, mas uma só em 1501 durante o reinado de D. Manoel. O seu fim era conhecer o paiz, e garantir o seu direito, sendo capitão-mór um individuo, hoje desconhecido, que uns querem que seja Gonçalo Coelho, ou Christovão Jacques, e outros D. Nuno Manoel. Por nossa parte suppomos que foi André Gonçalves, o mesmo capitão que levára ao rei a nova da descoberta por ordem de Cabral, em vista do que disse Gaspar Corrêa. Isto não exclue certas explorações parciaes, mesmo de particulares com autorisação do rei.

Em 1525 ou 1526 foi Christovão Jacques fazer explorações, mais de verificação do que de descoberta no littoral do sul, por ordem de D. João III, com o encargo de guardar a costa. O mesmo fez depois Martim Affonso (1531) e Diogo Leite: um ao sul, e outro ao norte. O primeiro foi encarregado de fazer descobertas na nossa costa meridional, além dos pontos, já conhecidos.

Gonçalo Coelho, em 1503, não foi fazer descobertas ao Brasil, mas ia por aquella costa ao sul até encontrar a passagem que o levasse á Malaca, objectivo que não conseguio, mas depois alcançou-o Fernando de Magalhães. O seu mallogro foi como o de Sebastião Gaboto.

Gonçalo Coelho (77) foi mui differente do de Americo Vespucio, tanto na primeira, como na segunda viagem (78).

(77) Este maritimo já figura na historia lusitana desde 1488, quando foi á Senegambia em commissão ao celebre, mas infeliz regulo africano Bemoy, assassinado por Pedro Vaz da Cunha.

Parece que Gonçalo Coelho era irmão de Nicolão Coelho que acompanhou Vasco da Gama e Pedro Alvares Cabral á India.

(78) O périplo de Vespucio foi differente. Da ilha de Fernando de Noronha partiu para o sul á 18 ou 20 de Agosto de 1503, com direcção á Bahia, onde chegou á 6 de Setembro pouco mais ou menos, acompanhando-o outra não (*caravela*) da frota.

Na Bahia demorou-se dois mezes e quatro dias, e portanto partio á 10 de Novembro para o sul, e com o littoral á vista tomou um porto que se achava á 18 gráos de latitude, o que verificára com os seus instrumentos, e portanto com o maior cuidado.

Nos mappas das edições de Ptolomeu de 1508 e 1513, na segunda sobretudo, notam-se dois pontos com a designação de *rio do Brasil* e de Santa Luzia, o que importava, no ultimo, uma descoberta correspondente ao dia 13 de Dezembro de 1503. Estes rios, pela latitude n'esses mappas, não excedem á marcada por Vespucio, sobretudo a do *rio de Santa Luzia* que em outros mappas da collecção de Kunstmann correspondem ao ponto de Caravelas, no que concordam o traductor das cartas do mesmo Vespucio, na *Collecção das noticias das nações ultramarinas*, assim como Quintella nos *Annaes da marinha portugueza*, tomo 1, pag. 278, nota 2, com quanto lhe faça especie a distancia de 260 leguas, e a longitude de Lisboa, que é 31 e não 57 gráos.

Mas, se se attender que as leguas italianas eram inferiores ás *portuguezas*, as distancias quasi que se correspondem, por isso que assim o algarismo não irá além de 115, o que dista pouco de cem que Quintella marca para a distancia da Bahia a Caravelas. E quanto á longitude, é mui possivel ser erro de copia entre 31 e 37°.

O *rio Brasil* ficava mais ao norte da latitude de Caravelas, e do monte Pascoal, mas ao sul de Porto Seguro; talvez seja o rio depois denominado do *Frade*.

Designar um ponto com o nome de *rio Brasil* parece ter por fim indicar a abundancia do producto e o respectivo trafego, o que se podia dar nas visinhanças de Caravelas, por isso que por alli havia

Gonçalo Coelho, não se havendo reunido á Vespucio no ponto da Bahia como haviam assentado, seguiu provavelmente para o sul, no proposito de ganhar Málaca pelo occidente, como em Portugal se havia projectado, julgando talvez que Vespucio não o poderia mais alcançar, se se não perdêra.

Continuou sua viagem, e, se foi feliz, alcançando o ultimo ponto a que chegára a primeira frota, que suppomos a latitude de 38°, ou quando muito 41°, passára além e alcançára a latitude de 44° para 45°, onde lançou o respectivo padrão, isto é, no littoral da Patagonia, no ponto que nos mappas portuguezes, *maxime o Atlas* de Fernão Vaz Dourado, se chama a *Terra do Marco*, ao sul da bahia de S. Mathias.

Tudo isto é hypothetico, porquanto não se tem certeza do percurso da viagem de Gonçalo Coelho, e suspeitamos que essa latitude é provavelmente o ponto ultimo em que tocou a primeira frota, com os accrescimos que a ambição internacional impunha (79).

abundancia d'essa madeira, como em Porto Seguro, que tão proximo está.

Por outro lado: o nome portuguez de *Caravelas* dado aquelle ponto desde o seculo XVI, como se vê na obra de Gabriel Soares, parece indicar uma circumstancia de summa importancia para assim ser assignalado. Ora, em 1503, duas caravelas da frota de Gonçalo Coelho, sendo uma dirigida por Vespucio, fizeram na foz do rio de Santa Luzia uma estadia de cinco mezes, e voltaram carregadas de páo-brasil, entrando em Lisboa a 18 de Junho de 1504.

Se se não perdêra o *Roteiro do Brasil* de Pedro Nunes esta questão parece que não teria outra solução.

A hypothese de ser Cabo Frio este ponto, como pretende Varnhagen, parece-nos sem procedencia, de todo insustentavel.

(79) Quem sabe mesmo se esse padrão não foi posto por alguma frota armada á expensas de particulares, com autoridade real, muito depois de Gonçalo Coelho, e antes do reinado D. João III, da qual nenhuma memoria nos reste? Tudo são obscuridades. Esse padrão ao sul da bahia de S. Mathias é um enigma.

Os nomes de todo esse littoral, desde o cabo de Santo Antonio, á foz do rio Prata, foram impostos por Fernando de Magalhães em 1520. A enseada de Santa Apollonia foi descoberta a 9 de Fevereiro, e a bahia de S. Mathias a 24 do mesmo mez; e pois, excluida a carta de Americo Vespucio em que trata da sua primeira viagem ao Brasil por conta do governo portuguez, nenhum signal surge de navegação por parte de Portugal (80).

Se n'essa latitude de 44° para 45° sul terminava a demarcação da corôa portugueza, se não existe para comproval-a outros documentos além da palavra do insigne mathematico e cosmographo real, Dr. Pedro Nunes, um tal direito não se firmava bem. Essa palavra estava consagrada, provavelmente, no seu *Roteiro do Brasil*, conforme a asseveração de Gabriel Soares; e obra cuja perda tanto lastimamos.

Gonçalo Coelho, não podendo, por circumstancias que desconhecemos, continuar sua viagem, como depois, em 1519, realizou-a Fernando de Magalhães, voltou, e arribou á bahia do Rio de Janeiro, ou melhor á de Mambucaba (81), onde por largo tempo demorou-se, e por isso a esse lugar no mappa da edição de Ptolomeu de 1513 se lê: *Pinachullo detatio* (82).

(80) A carta de Alvaro Mendes de Vasconcellos, escrita de Medina del Campo, em 1531, e publicada por Varnhagen, cita em pró dos direitos de Portugal ao territorio do Rio da Prata, o haver ido alli, no reinado de D. Manoel, *uma armada de D. Nuno Manoel*. Mas não se precisa na carta a época, não podendo ter sido a primeira expedição.

Por outro lado parece que o padrão, ao sul da bahia de S. Mathias, nunca foi chantado; mas o ponto indicado era por onde passava a linha da demarcação pontificia, base das pretenções lusitanas, ao menos segundo o *Atlas* de João Teixeira, de 1650.

(81) Parece-nos mais aceitavel esta explicação, porquanto no mappa de Ptolomeu de 1513, o nome da *bahia dos Refens* que está mais ao norte cabe de preferencia á do Rio de Janeiro.

(82) Varnhagen interpreta bem por *Gonc. Choelho detētio*.

Este ultimo facto é real, o mais é hypothetico, porquanto é muito possivel que nem Gonçalo Coelho alcançasse latitude tão meridional, e novo fracasso, como o da ilha de Fernando, o acommettesse nas proximidades d'aquella bahia, como nos parece mais provavel.

O que, porém, parece comprovado, é que as navegações portuguezas, quando muito, não passaram em nossa America da latitude 41°, se tanto; e que seus nautas sómente impozeram nomes, no geral, até á foz do rio da Prata, comprehendidos os cabos de Santa Martha e de Santa Maria, e o proprio rio baptizado com esta ultima denominação, muito antes da passagem de Fernando de Magalhães (83).

Portanto, voltando á nossa questão, os degradados que ficaram em Cananéa em 15 de Fevereiro de 1502, estavam em boa paz com os indigenas pelo trato havido com os navegantes, e provavelmente informações dos *linguas*, transportados de Sergipe ou de outro qualquer ponto do littoral. E a demora que os navegantes tiveram n'aquelle ponto, tratando e sendo bem tratados pelos indigenas, devia concorrer muito para a ficada dos degradados, mais familiarisados com elles, e que assim já contavam com brandura e amizade em suas mutuas relações.

O *bacharel* degradado, isto é, João Ramalho, alli ficou com o seu companheiro, quem quer que fosse, que a tradição da época não declina o nome, mas nós suppomos ser

(83) Talvez o nome fosse dado por alguma armada ou frota de particulares, como uma a que já nos referimos, de D. Nuno Manoel, e que fôra a descobrir ao Rio da Prata, de que trata a carta de Alvaro Mendes de Vasconcellos, embaixador de Portugal na Hespanha, dirigida á D. João III em data de 14 de Dezembro de 1531.

Esta carta, como já notámos, foi publicada por Varnhagen nas suas *Novas indagações* sobre as ultimas viagens de Vespucio, pag. 10.

Aleixo Garcia(84), e provavelmente tendo armas e utensis de ferro, com que tanto se habilitou, com os naufragos ou desertores castelhanos, para construir bergantins (*falúas*), e navegar n'ellas pelo litoral do sul até o Rio da Prata.

Por estas circumstancias era o porto de S. Vicente e o da Cananéa mui demandados, muito antes da vinda de Martim Affonso de Sousa colonisar e estabelecer-se no littoral do nosso paiz. Assim tambem foi alguns annos depois o porto dos *Patos*, hoje de Santa Catharina, pelos hespanhoes naufragos ou arribados, antes e depois das viagens de Solis, de Magalhães e de Caboto.

V

O que fica bem firmado é, que esses tres pontos do littoral do sul eram mui conhecidos e frequentados por navegantes hespanhoes e portuguezes, e até por francezes(85), antes da colonisação regular lusitana.

O bacharel de Cananéa, como chama Varnhagen, é tambem o bacharel de S. Vicente de Diogo Garcia, isto é, João Ramalho, o primeiro colono do Brasil meridional, o pai, o progenitor da população mistiça vicentina, hoje paulistana.

Vivendo este colono ora em S. Vicente, ora em Cananéa, o limite da tribu *Tupi*, confrontante com a *Carió* ou *Carijó*, parece que a razão da preferencia do assento da colonia em

(84) E' este o celebrado aventureiro portuguez que em 1525 penetrou na Bolivia (*alto-Perú*), muito antes da conquista de Pizarro. Fez alli taes depredações que voltou carregado de muitas riquezas, tendo a infelicidade de ser assassinado pelos indigenas *Paiaguás*, nas vizinhanças de Assumpção.

(85) Referimo-nos á viagem de Paulmier de Gonneville, em 1503, arribado á ilha de S. Francisco, em Santa Catharina.

S. Vicente, ponto insular como Cananéa, resultou da bondade do porto, e estar menos exposta a nascente colonia aos assaltos dos inimigos *Carijós*, como estava Cananéa. Tal é a nossa conjectura. Cananéa continuou a ser praça fronteira da defensa territorial.

Mas contra a these que temos sustentado levantam-se duas autoridades de grande nomeada na historia d'essa illustre e heroica provincia—Pedro Taques de Almeida Paes Leme, e o religioso benedictino Fr. Gaspar da Madre de Deus, notaveis por seus talentos e instrucção.

Ambos se esforçam por dar melhor origem á vinda ou apparição de João Ramalho no torrão de sua patria, nobilitando-o mesmo quanto á sua procedencia na terra de sua nacionalidade. O colono era um naufrago, lançado pelo infortunio ás plagas de Santos, e tinha nobre ascendencia!

Se fôr exacto o que sustentam estes dois mui celebrados chronistas, tão venerados pelos paulistas, a hypothese de que João Ramalho *é o bacharel degradado* ficaria excluida irremediavelmente.

Mas não é assim. A verdade é outra.

Ouçamos o primeiro, por ser mais antigo, pois falleceu em 1777, e de, quem Fr. Gaspar tanto aproveitou para suas *Memorias;* obra, cujo merecimento seria mui reduzido, se os trabalhos collossaes de Pedro Taques fossem logo impressos (86). Não lograram essa ventura senão no presente seculo, e não pouco alterados.

(86) Pedro Taques nasceu em S. Paulo no 1º de Julho de 1714, e falleceu em Janeiro de 1777.

Fr. Gaspar da Madre de Deus, no seculo Gaspar Teixeira de Azevedo, era natural de Santos: tomou a cogula de S. Bento em 1732, fallecendo em principios do anno de 1800, segundo Innocencio, que aliás tambem diz que nascêra em 1730.

Provavelmente nasceu em 1712, mas o nosso consocio Dr. Joaquim Manoel de Macedo, no seu *Anno Biographico*, dá-o nascido em 1714.

Entretanto uma é complemento de outra, parecendo que ambas foram escriptas sob um plano assentado, ao menos em certos assumptos, em que pelo sangue eram os autores interessados.

Na *Nobiliarchia Paulistana*, impressa em nossa *Revista*, tratando-se da familia dos *Affonsos Gayas*, exprime-se Taques n'estes termos:

« Vieram mais em 1531 Jorge Ferreira (87), cavalleiro fidalgo, casado com Joanna Ramalho, *filha* de João Ramalho, que tinha o fôro de cavalleiro, e foi depois o fundador da villa de Santo André da borda do Campo, de cuja povoação (antes de ser elevada á villa em o dia 8 de abril de 1553) foi Guarda-mór e Alcaide-mór do Campo dito Ramalho. »

Em outro lugar, referindo-se á familia dos *Prados*, diz o seguinte:

« Vieram tambem com este fidalgo (*Martim Affonso de Sousa*) para S. Vicente João Ramalho, que tinha o fôro de cavalleiro, e sua *irmã* Joanna Ramalho, mulher de Jorge Ferreira, cavalleiro-fidalgo, que foi capitão-mór, governador da Capitania de S. Vicente pelos annos de 1556, etc. »

Ora n'estes dois trechos já vimos Joanna Ramalho figu-

(87) Hans Staden e Gandavo em suas obras tratam d'este Jorge Ferreira, assim como as *Memorias* de Fr. Gaspar, liv. 1, n. 96.

Hans Staden, no cap. 47 de sua *Historia*, exprime-se por esta fórma, referindo-se á prisioneiros feitos pelos *Tamoyos* e que deviam ser devorados.

« Entre os que foram devorados n'essa noite havia dois mamelucos que eram christãos; um era filho de um capitão portuguez, chamado Jorge Ferrero (Ferreira), e de uma mulher selvagem; o segundo chamava-se Jeronimo. »

Parece que á este caso allude, por outra fórma, Gandavo no cap. 11 da sua *Historia de Santa Cruz*. Um dos filhos d'este Jorge Ferreira, por nome Balthazar, foi o matador da celebre *Hipupiara*, monstro marinho apparecido, em S. Vicente, no anno de 1564.

rando ao mesmo tempo como *filha* e *irmã* de João Ramalho, vindo elle na companhia de Martim Affonso em 1531, na qualidade de cavalleiro!

Continuemos.

Tratando da familia dos *Alvarengas Monteiros* declara Taques o seguinte:

« Francisco Ramalho e sua irmã Maria de Macêdo mulher de Lazaro de Torres, foram netos de João Ramalho, o progenitor de muitas familias de S. Paulo, que foi o fundador da povoação de Santo André da borda do Campo, que se acclamou em villa em 8 de Abril de 1553, sendo então o dito Ramalho, guarda-mór e alcaide-mór do Campo, e *tinha o fôro de cavalleiro*. »

E accrescenta:

« Este João Ramalho veiu de Portugal (era natural de Barcellos, comarca de Viseu) na companhia de Martim Affonso de Sousa no fim do anno de 1530, etc., etc.

« E o dito Ramalho foi *pai* de Joanna Ramalho, mulher de Jorge Ferreira, que tinha o fôro de cavalleiro fidalgo, e sendo povoador e morador de S. Vicente foi d'esta capitania Capitão-mór, governador e ouvidor pelos annos de 1556 por mercê do donatario Martim Affonso de Sousa. »

Eis-aqui temos João Ramalho, ataviado com o fôro de cavalleiro, e companheiro de Martim Affonso de Sousa na sua frota, tendo por patria Barcellos na comarca de Viseu! Fr. Gaspar dá-lhe outra patria: *Broucéla*, na provincia da Beira.

Ambos estes chronistas tinham bem fracos conhecimentos da geographia de Portugal. *Barcellos*, na provincia do Entre Douro e Minho, figurando em comarca da provincia da Beira e *Broucéla*, nome desconhecido n'aquelle paiz!

Parece que o que os dois chronistas queriam dizer, visto que se julgavam compromettidos á dar uma patria á Ra-

malho, *o degradado*, como na Bahia deram ao Caramurú, era que este celebrado colono nascêra em *Vouzella*, povoado da comarca de Viseu, na outr'ora provincia da Beira Baixa.

Agora confrontemos as notas extrahidas da *Nobiliarchia Paulistana* com o que diz Pedro Taques na sua *Historia da capitania de S. Vicente*, tambem impressa no tomo IX da nossa *Revista*; é interessante:

« Fundadas as villas de S. Vicente e do porto de Santos, João Ramalho, homem *nobre*, de espirito guerreiro e valor intrepido, que já muitos annos *antes* de vir Martim Affonso de Sousa a fundar a villa de S. Vicente em 1531, como fica referido, tinha vindo ao Brasil, e *ficando na praia de Santos*, e tendo sido achado pelos piratininganos, o trouxeram ao seu rei *Tevireçá*, que por providencia de Deus se agradou d'elle e lhe deu sua filha, que depois se chamou no baptismo *Isabel*, e quando Martim Affonso de Sousa chegou á S. Vicente lhe foi fallar o dito João Ramalho, e já com filhos casados, *o que tudo assim consta* de uma sesmaria que o dito Martim Affonso concedeu ao dito João Ramalho em 1531 na ilha do *Guaibé* (S. Amaro).

« Este Ramalho, pois, com o concurso de alguns europêos da villa de S. Vicente, fundou uma nova povoação de serra acima na *sahida do mato*, chamada *Borda do Campo*, com a vocação de Santo André.»

Portanto é o mesmo Pedro Taques quem a si mesmo responde. João Ramalho já não veiu com Martim Affonso na frota de 1530, mas não era um degradado. Era provavelmente um naufrago ou passageiro esquecido na praia de Santos, e descoberto, não pelos *Tupis* ou *Tupiniquins* do littoral mas pelos piratininganos, isto é, *Guayanazes*, indigenas do campo, residentes em serra acima, por especial disposição da Divina Providencia!

Ora tudo isto, infelizmente, é lançado no proposito de confirmar a fabula, sem base, do casamento de João Ramalho com a filha do cacique Tebireçá, denominada *Isabel* no baptismo, e *Bartira* em *Guayanaz*, conforme a descoberta de outro chronista patrio, Machado de Oliveira, no seu *Quadro Historico*.

De onde Machado de Oliveira colheu esse apontamento? Não o diz; mas provavelmente foi aproveitado, se não nos enganamos, de alguma velha chronica exhumada das cavernas em que habitavam aquelles antropophagos troglodytas, reputados por esses illustres chronistas mais nobres que os *Tupís* do littoral, e que, aliás dil-o a historia, eram senão mais crueis, menos cultos (88).

(88) Os *Guayanazes* eram *Tapuyas*; viviam em geral no interior, além dos montes, repellidos provavelmente pelos *Tupis*.

Comtudo uma colonia sua escapára na ilha Grande e era alliada dos *Tamoyos*, como se vê em Lery, que os trata por *Ouenem* (cap. 16).

Parece que outr'ora dominavam a bahia do Rio de Janeiro, de onde vem talvez o nome de *Guanabara* ou *Guanabara*, senhorio ou dominio de *Guayanazes*.

Hans Staden, no cap. 3 da parte II, tratando dos *costumes dos Tupinambás*, faz d'aquelles selvagens hediondo retrato n'estes termos:

« Essas montanhas são habitadas por selvagens, chamados *Vaygannâ*, que fazem a guerra á todas as nações, e devoram todos quantos possam alcançar.»

Ao inverso dos *Tupis* deixavam crescer os cabellos e as unhas.

João de Laet, na sua *Historia do Novo Mundo*, liv. 16 apoiando-se em Antonio Knivet, não os trata melhor.

A sua fortuna em S. Paulo proveio da reputação que lhes fizeram os jesuitas, domesticando-os. Simão de Vasconcellos na sua *Chronica* não podendo contemplal-os como *Tupis*, segrega-os do geral dos *Tapuyas*, constituindo-os familia á parte. Ao inverso dos *Tupis*, que se pintavam de genipapo, elles usavam do urucú.

Simão de Vasconcellos é a base das historias de Pedro Taques e de Fr. Gaspar.

E' questão de que nos occuparemos em outra occasião, se houver opportunidade.

Entretanto Ramalho é sempre o fidalgo, goza do fôro de cavalleiro, não porque se ennobrecesse com os serviços prestados á nascente colonia, com os seus amigos, *Tupis*, ou *Tupiniquins*, indigenas do littoral, e com o fortim que estabelecen em serra acima para ter em respeito o gentio *Guayanaz*, e com elle traficar, com segurança; não. Ramalho é reputado já nobre quando veiu de Portugal; pois, ao que parece, segundo taes chronistas, não desembarcava, em S. Vicente, n'aquelle feliz torrão, colono que não fosse fidalgo de primeira linhagem e da mais limpa nobreza.

E, se casava com indigena, era, em regra, filha de *moroubixaba*. Ha mesmo quem graciosamente nos primeiros tempos da colonisação faça distincção entre *Mamelucos* e *paulistas*, como se, na época, fossem abundantes na colonia as mulheres portuguezas. Eram rarissimas: havia em quantidade as mistiças e regorgitavam as selvagens (89).

O que acontecia em S. Vicente dava-se tambem nos outros pontos do Brasil, sem exceptuar a colonia do Governo, a capitania do Salvador, directa e especialmente protegida pelo Rei.

(89) Póde-se fazer uma idéa do estado da colonia a este respeito, considerando que ainda em 1561, vinte e nove annos depois de estabelecidos os portuguezes na capitania de S. Vicente, e sete depois da fundação de S. Paulo, a camara d'esta villa representava á rainha D. Catharina, regente na menoridade de D. Sebastião, a necessidade de enviar colonos ainda que fossem degradados, por estas palavras:

« E outrosy mande que os degradados qua não sejão ladrõys, sejão trasidos á esta villa para ajudarem a povoar, por que ha aqui muitas molheres da terra *mystyças* com quem casarão e povoarão a terra. »

Vide Gandavo nas suas duas obras.

Os *Mamelucos* iam apparecendo, e eram no geral o producto de illicitas relações. Até hoje ignora-se a causa de semelhante denominação, usada desde o principio pelos colonos, tanto em S. Vicente, como em Pernambuco, e talvez proveniente de alguma expressão *tupi* (90).

Havia na Bahia tão pequeno numero de mulheres brancas no principio da colonia, que se pedia com instancia para Portugal a remessa das que fossem possiveis, ainda mesmo das de vida airada, « porque, dizia Nobrega, casarão todas mui bem, comtanto que não sejam taes que de todo tenham perdido a vergonha a Deus e ao mundo. » Sómente o rebutalho era por elle excluido. Uma que viéra na armada de Thomé de Sousa, como ama do filho de um homem casado, foi muitissimo disputada para casamento.

Os colonos não queriam casar com as indigenas; recusavam com ellas formar familia, mas entretinham relações illicitas. E note-se: as representantes do sexo amavel na Bahia tinham outro merecimento que não as incultas e horridas *Guayanazes*.

Pêro Lopes de Sousa, que era conhecedor em razão de sua posição social e viagens que tinha feito, traça, no seu

(90) *Mameluco* dizia-se o filho de portuguez e de indigena. No Egypto chamavam-se *Mamelucos* os meninos christãos roubados ou apprehendidos em guerra, que eram depois educados no mahometismo, e incorporados á uma força militar escolhida, de ordinario a guarda do chefe do Estado.

Mas essa denominação em arabe importa o mesmo que *escravo*. Dariam os portuguezes esse nome aos filhos que tinham das indigenas, porque eram suas escravas? E' possivel que ficasse essa denominação em Portugal do tempo do dominio arabe-mourisco.

Pedro Taques diz que esse nome era usado tanto em S. Paulo, como nas possessões hespanholas.

Entretanto elle define o *Mameluco* o filho de europêo com india *Carijó*; e depois diz que é tambem o filho da india da terra com branco ou europêo. Vide Fr. Gaspar, *Mem.* liv. 1, n. 166 nota.

Diario, um lisongeiro retrato das damas *Tupinambás* da Bahia em 1531 ; eis suas expressões :

« A gente d'esta terra é toda alva *(não era negra)* ; os homens mui bem dispostos, e as mulheres mui fermosas, que nam ham nenhua inveja ás da *rua nova* de Lisbôa. »

E quasi o mesmo retrato fez Pêro Vaz de Caminha das indigenas *Tupiniquins* de Porto Seguro, na tão celebrada carta que dirigiu á el-rei D. Manoel em data de 1 de Maio de 1500.

Eis a fonte da nossa primitiva população colonial ; e o que succedia em nosso paiz, reproduzia-se nas colonias de outros Estados, sem excepção das dos inglezes, cuja repugnancia pelos selvagens era extraordinaria. Na Virginia, ao principio, as mulheres inglezas eram raras, e não obstante causou sensação o consorcio tão decantado da gentil e intelligente Pocahontas, filha do cacique Powhatan com João Rolfe em 1613, e de quem mui distinctas familias d'aquelle Estado se ufanam de descender.

No nosso Brasil ha tambem quem se ufane de lhe correr nas veias sangue *Tupi* e mesmo *Tapuya*, tomando n'este sentido as tribus mais rusticas do interior, com tanto que o avoengo seja de classe princiaria. Temos os pretensos descendentes de Tebireçá, de Gupéva, de Paraguassú, de Uiráuby (*Arco Verde*), do Poty-guassú (*Camarão*), do Jacaúna, e outros. E o que mais maravilha é, que não tendo casado no Brasil, e nem reconhecido filhos, haja quem ostente orgulho de descender do conde de Nassau, e use das côres do seu brasão, nas libres de seus creados !

A vaidade das distincções genealogicas é, talvez, uma fraqueza, senão um merito, que acompanha a humanidade. Todos querem proceder do alto. Cada povo tem n'esta parte a sua quota n'esse defeito ou n'essa virtude. São conhecidos o *de* francez, o *dom* castelhano, o *illustrissimo*

portuguez, o *van* hollandez, o *ó* escossez, e o *mac* irlandez. Essas distincções têm não obstante sua utilidade; o que se deve estranhar, são os meios, pouco regulares, muitas vezes empregados para alcançal-as, ou para cohonestar o uso, e confirmar a ancianidade.

Os chronistas da Bahia e de outros pontos do Brasil, nos ultimos dois seculos, padecem da mania nobilitaria; mostram pela heraldica uma irresistivel paixão. Mas forçoso é reconhecêl-o, não a exhibem com a intensidade dos da provincia de S. Paulo, sobre tudo Pedro Taques(91).

O que se deve ainda mais lastimar é que vão procurar esses titulos de nobreza, mui discutiveis, fóra da patria, quando podiam simplesmente firmal-os em serviços prestados no interesse do torrão natal.

Mas não se limitam á galardoar com esses brasões aos heróes, cuja memoria querem perpetuar: alargam em demasia o circulo dos seus protegidos.

As familias nobilitadas são sem numero: é uma alluvião; o que não succede em Pernambuco, na Bahia, e mesmo no Rio de Janeiro. E comtudo não houve uma só expedição de povoadores para o nosso territorio, na época dos donatarios, em que não viessem nobres, e até de mui alta linhagem, a darmos credito ás primeiras chronicas.

No Maranhão e no Pará, parece que por mais modernas, não houve tanto prurido pelo culto genealógico. Entretanto, da historia do ultimo quarto do precedente seculo em diante, já se assignala em uma a fidalguia luso-marroquina de Mazagão, transportada para as regiões amasonienses; e em outra a energia com que se procurou sustentar

91) Fr. Gaspar nada lhe fica a dever. Vide *Memorias*, liv. I. ns. 99 a 102 e Ayres do Casal na *Corographia Brasilica*, tomo I, art. *Capitania de S. Paulo*, pags. 185 a 186, edição de 1833.

o privilegio das infanções(92), outra especie de nobreza de herdança portugueza, que aproveitava a algumas familias, senão mais antigas, mais favorecidas pela fortuna, ou pelos cargos da governança na capital. Algumas foram procurar a procedencia de seus avoengos em casas illustres da Inglaterra e Irlanda, da Escossia(93) e França.

Todavia não se póde desconhecer que entre os primeiros povoadores da nossa importante colonia do sul avultava desde o começo o elemento castelhano, contendo nomes que, a serem exactas as genealogias, pertencem a familias de incontestavel nobreza no velho mundo, mesmo da ordem princiaria. De Portugal tambem podia ter vindo, e provavelmente vieram, colonos d'essa classe, arrastados por motivos de desgosto ou de fortuna; que, tendo grande descendencia, estavam em condições de alargar o numero de familias de ordem elevada. Sabe-se que alguns, ou a mór parte, vieram obrigados pela justiça.

VI

Passemos agora ao outro chronista, o benedictino Fr. Gaspar da Madre de Deus nas suas *Memorias para a*

(92) Estes privilegios, que eram os do senado da camara do Porto, obtiveram quatro corporações da mesma especie no Brasil: as da Bahia e Rio de Janeiro, Maranhão e S. Paulo.

A mais nenhuma concedeu o governo portuguez esse privilegio: a de S. Paulo foi a ultima.

(93) Berrêdo em seus *Annaes* aponta Antonio Teixeira de Mello, natural da ilha da Madeira, como descendente da casa dos Drummonds da Escossia, estirpe nobilissima.

Foi elle o inclyto libertador do Maranhão, na invasão hollandeza, assim como outro madeirense foi depois de Pernambuco.

Deixou na terra que salvou larga descendencia feminina.

historia da Capitania de S. Vicente. Este escriptor, depois de phantasiar, á seu paladar, uma derrota da frota de Martim Affonso para justificar a denominação de S. Vicente, crêa a individualidade de Antonio Rodrigues para companheiro de João Ramalho, e á ambos faz protectores de Martim Affonso, não por causa dos *Tupis*, senhores do littoral, mas dos queridos e preconisados *Guayanazes* dos campos de Piratininga (94).

(94) Os nossos antigos chronistas não fazem uma conveniente descriminação dos indigenas que habitaram o territorio de S. Paulo na época da creação das capitanias. Gabriel Soares, o pai da historia do nosso paiz, tudo confunde, querendo que uma só tribu, a dos *Guayanazes* dominasse o littoral e os centros d'aquella provincia, talvez porque na Ilha Grande havia uma colonia d'esses indigenas alli estabelecidos ou esquecidos, e alliados dos *Tamoyos*. Era uma colonia destacada entre as tribus *Tupis* do Rio de Janeiro e de S. Paulo até Cananéa pelo littoral.

As do Rio de Janeiro, mais poderosas, se denominavam *Tupinambás*, como se póde vêr em Thevet e Lery, que pronunciam *Tupinambaoults*. Mas os *Tupis* de S. Paulo os tratavam de *Tamoi* (*Tamoyos*) que quer dizer *avós*, e assim tambem os tratam os portuguezes.

Os *Tupis* de S. Paulo eram, a nosso vêr, *Temiminós*, isto é, *netos*. Havia-os tambem no Espirito Santo, de que a mais notavel individualidade era o celebrado *Araribóia*, que teve o nome de Martim Affonso de Sousa, e tanto se distinguiu na luta contra os *Tamoyos* e francezes.

Esses *Temiminós* eram tratados pelos *Tamoyos* de *Maracayás*, os *Margaiás* de Lery, do nome de um dos seus chefes que vivia na ilha, hoje do Governador, á quem os Portuguezes tratavam simplesmente pelo nome de *Gato* (Maracayá).

Com o nome de *Tupiniquins* tambem os tratavam os portuguezes: mas parece que por essa expressão se queria dizer, não *Tupi vizinho*, mas *Tupi-amigo*. Esta expressão tambem é usada por Lery, para com os *Tamoyos* indifferentemente, como a de *Tupinambá*:

De tudo o que temos dito póde-se concluir o seguinte:

E' mui curioso, e mesmo assaz divertido, o romance do empenho de João Ramalho com o pretenso sogro Tebireçá,

1.º Que os *Tupis* se intitulavam indifferentemente *Tabayaras* (senhores da terra), *Tupinambás* (guerreiros), *Tupiniquins* (vizinhos ou amigos).

2.º Que os *Tupis* amigos dos portuguezes eram tratados de *Tupiniquins*, mas no geral de *Tabayaras*. Os dos francezes de *Tupinambás* (Bahia), *Tupinambaoults* (Rio de Janeiro) e *Tupinambás* (Maranhão).

Entre estas duas ordens de *Tupis*, havia alguma differença na linguagem e no córte dos cabellos. Note-se que Anchieta, na *Revista* do nosso Instituto, tomo VIII, pags. 258, faz distincção entre os *Tupis* do littoral de S. Paulo e os *Tamimós* do Rio de Janeiro e Espirito Santo.

3.º Que os nomes de *Maracayás* ou *Margaiás*, como diziam os francezes, eram impostos pelos *Tupinambás* do Rio de Janeiro aos *Tupis* ou *Tabayaras* do littoral de S. Paulo, e de alguns pontos da bahia do Rio de Janeiro. E por sua parte os de S. Paulo tratavam de *Tamoi* os *Tupinambás* do Rio de Janeiro. Estas denominações contrarias, parece que eram alcunhas.

Os *Margaiás* do Rio de Janeiro tambem eram chamados *Temiminós* (netos) talvez por contraposição á *Tamoi* (avô). Entretanto eram irreconciliaveis adversarios. Thevet chama á estes *Tomimous*, e Lery *Tememinon*.

Os francezes os sabiam distinguir tanto, que passando a frota, onde veiu Lery, pelo littoral do Espirito Santo, praticavam com os *Tupiniquins*, que vieram procural-os, com muita cautela, tratando-os de *Margaias*, amigos dos portuguezes, e seus adversarios.

Thevet nas estampas de sua obra os faz distinguir pelos nomes nos combates, mas nos *Tamoyos* chama *Tabayaras*, e aos adversarios *Margaias*.

Entretanto Hans Staden no cap. 14 de sua obra assegura que os *Tupiniquins* de S. Vicente chamavam aos *Tupinambás* do Rio de Janeiro, *Tabayaras* (*Tawaijar*), porque essa palavra quer dizer *inimigo*.

Varnhagen pretende que a palavra *Tabayara*, significa *aldeão*, e Gonçalves Dias, *cunhado do homem! Tot capita, tot sententiæ.*

para o bom e confortavel acolhimento dos portuguezes, e salvar Martim Affonso de Sousa da corriola em que por certo cahiria se essa indiada de serra acima, antropophaga e troglodyta, de longas unhas nas mãos e nos pés, debruçada nas ameias do Paranápiacaba, não corresse á *marche-marche* para o Pilão Grande (*Enguáguassú*) da ilha de S. Vicente, das veigas de Piratininga, além dos que vieram do grande salto do Ytú e de outros pontos ainda remotos, afim de pôr-se em franquia e arreganhar os dentes aos invasores portuguezes.

E sobre tudo os famosos quinhentos sagitarios que desceram ao Guaibe (*Santo Amaro*) no ponto da Bertioga, ou no da armação das Baléas, onde Fr. Gaspar suppôz ser o local primeiro abordado pelos portuguezes, conforme a direcção que deu á frota de Martim Affonso; força mandada pelo bom sogro de Piratininga á instancias de um genro tão patriota como João Ramalho. Era o caso de dizer como o épico lusitano:

« Acode, e corre pai; que se não corres,
« Póde ser que não aches quem soccorres. »

(*Lus.* canto III, est. 105.)

Mas esses quinhentos sagitarios das *Memorias* passam a tresentos na *Noticia dos annos em que se descobriu o Brasil*, obra posterior á precedente. O ultimo algarismo, mais modesto faz comtudo relembrar os heróes das Thermopylas, e portanto mais aceitavel e preferivel.

E' enternecedora, commovente e mui dramatica a scena da primeira entrevista do heróe de Vousella, esquecido em Santos, o naufrago de Guarapissumã, com o chefe da expedição lusitana, o que mostra o quanto este chronista religioso tinha uma imaginação de poeta, e por isso des-

tacamos para esta tosca nota os §§ 49 e 50 das suas tão apreciadas *Memorias*:

« 49. Já n'esse tempo estava cavalgada a artilharia, e o forte (*da Bertioga*) em termos de resistir: avistaram-se os indios, e o capitão-mór deu as ordens necessarias para uma vigorosa defensa. Estando a gente de guerra postada nos lugares competentes, devisaram um homem que caminhava com passos largos para a Fortaleza; e tanto que chegou á distancia d'onde pudesse ser ouvido, levantando a vóz, e fallando em lingua portugueza entrou a congratular-se com os seus nacionaes, fazendo todos os esforços por lhes persuadir que nada temessem.

« He inexplicavel a admiração dos portuguezes, quando viram homem branco, e ouviram o idioma da patria em lugar que suppunham habitado só de feras e barbaros: parecia-lhes illusão dos sentidos, o mesmo que na realidade percebiam, e para se livrarem da duvida, consultavam-se uns aos outros, fazendo reciprocas interrogações.

« Desenganaram-se finalmente, e então foi seu gosto igual ao seu espanto. Apresentou-se Ramalho ao capitão-mór, assegurou-lhe que á instancias suas, vinha o *Senhor da terra* (o sogro Tebireçá) á defendel-o com os indios que alli via (os taes quinhentos sagitarios! »

« 50. Dépois de agradecer Martim Affonso este serviço á João Ramalho, cheio de admiração pelo que tinha ouvido, recebeu a Tebireçá com os obsequios devidos a um principe e bemfeitor, de quem tanto dependia o bom exito da sua viagem. Logo ajustou com elle perpetua alliança, e os indios festejaram as pazes com rusticas, porém sinceras demonstrações de alegria.

« Vinhão ornados com manilhas e plumas de pennas que os portuguezes muito gostavam de vêr pela variedade e formosura de suas côres finissimas.

« Os selvagens despediam setas ao ar, cantavam, e dançavam ao som de instrumentos, festejo a que corresponderam os brancos com a harmonia de outros mais accordes, e tambem com o estrondo da artilharia para elles tão medonha, como para os nossos insoffrivel o estrepito de suas festivaes algazarras. »

Sómente faltou aqui, para complemento d'esta tão apparatosa e festival recepção, a entrega do *marraque*, o sceptro, symbolo do poder (95), como no poema de Santa Rita Durão fez á Thomé de Sousa, Paraguassú com tão exemplar e mimosa abnegação.

Todo este romance, tão pouco consentaneo com a seriedade de um chronista, lê-se do § 42 á 52, e toda a obra resente-se d'esta má disposição de espirito do autor, que, aliás, era um religioso de ordem tão respeitavel, e tão afamada pela consciencia com que na Europa organisava trabalhos d'esta especie.

O escandalo da lenda do Caramurú, na Bahia, com todos os seus extravagantes e phantasticos detalhes, desafiou, ao que parece, o appetite dos dois chronistas de S. Paulo, mais ciosos de dar pasto á sua vaporosa imaginação, não comprehendendo a altura dos deveres do encargo, do que a de escrever em presença de authenticos documentos uma historia séria, veridica e sensata.

E n'aquella provincia deve por sem duvida haver para isso rico material accumulado em mais de tres seculos em S. Vicente, em Santos, e sobretudo na propria Paulicéa. A queima dos archivos de S. Vicente em 1592 pelos inglezes privou-nos dos mais valiosos, como interessantes documentos, do começo da colonisação lusitana : mas, excep-

(95) *Marraque* era o maracá, instrumento e symbolo do poder entre os indigenas.

tuado este desfalque, quanto se não aproveitaria do cabedal até hoje recolhido e resguardado ?

Pouco, mui pouco, conhecemos das expedições dos paulistas contra os indigenas ; das proprias lutas entre si em mais de trezentos annos ; desconhecemos mesmo os nomes d'esses heróes que devassaram o deserto da nossa America, das praias do Atlantico ás abas orientaes dos Andes, deixando por toda a parte inequivocos signaes de seu extremado valor, e, infelizmente, de sua desmarcada cobiça e ferocidade.

Eram tambem assim os heróes antigos, porquanto estas existencias estão sempre na dependencia da cultura intellectual da época.

Os Mamelucos de S. Paulo só encontram similes nos devastadores hespanhoes, seus emulos e vizinhos. A raça sul-americana não encontrou peiores e mais desalmados exterminadores.

Entretanto não se póde desconhecer n'estes mestiços os seus sacrificios, o seu arrojo, e sua heroicidade. E' para lastimar que não conheçamos o historico fiel de suas aventurosas e homericas expedições, podendo apenas citar-se os nomes dos Raposos, Pretos, Buenos, Campos, Pires, Arzões, Camargos e outros, productos asperrimos do sangue ibero com o *Tupy* e *Guayanaz*.

Da lenda da Bahia são complices Vasconcellos e Rocha Pitta, seus historiadores ; ambos concorreram para que a musa de Durão a commemorasse em rimas immortaes.

Pedro Taques e Fr. Gaspar construiram a de S. Paulo, tendo por base a *Chronica* de Simão de Vasconcellos, representando os principaes papeis João Ramalho e Tebireçá, o pretenso sogro *Guayanaz* ; faltava somente quem, inspirado pelas musas, immortalisasse a imaginaria aventura em metro alexandrino. A *Confederação dos Tamoyos* satisfez

em parte essa necessidade; mas, exceptuado o moroubixaba *Guayanaz*, a segunda figura do poema após o Aimbiré, Ramalho, o vulto homerico da primeira colonisação paulistana, o progenitor dos primeiros *Mamelucos*, representa o papel de um comparsa mui secundario.

No canto V d'esse poema, aliás tão offensivo da verdade historica e sem necessidade, vê-se Tebireçá em S. Vicente, dirigindo-se ao sobrinho Iagoanharó, n'estes termos:

«Vês tu aquella casa? Alli habita
«O portuguez Ramalho, que é meu genro;
«Has de vêl-o, e a mulher, e os meus netinhos.»

Quanta poesia despendida n'este idyllio tão *guayanaz* do senhor de Piratininga!

Póde-se dizer é a chave de ouro do romance criado por Pedro Taques e pelo benedictino chronista de Santos.

Não se limitaram á esta lenda os dois chronistas: construiram outras; mas a que causou maior estrondo foi a da famosa renuncia da corôa de Piratininga, ou, como querem os enthusiastas, da corôa do Brasil por Amador Bueno em 1641, que, havia pouco, servira na camara de S. Paulo o cargo de vereador. Obra de pura imaginação e de vaidade genealogica, uma imitação da lenda bahiana, contra a qual protesta a verdade historica, e em que, infelizmente, vem ainda envolvida a ordem respeitavel de S. Bento. Se Pedro Taques foi quem inventou-a, Fr. Gaspar procurou dar-lhe maior realce com as provas que procurou adduzir. Mas se provou, provou de mais.

Voltando á nossa these, diremos que, conforme Fr. Gaspar, João Ramalho achava-se em S. Vicente, o paiz de *Morpion* —os *Tamoyos*, o *Urbioneme* e *Orbioneme* de

Hans Staden (96), ou antes, o que é mistér que se saiba, nas praias de Santos, a patria do douto chronista, antes da chegada de Martim Affonso de Sousa. Mas o illustre bene-

(96) O douto visconde de Porto Seguro, na segunda edição de sua *Historia do Brasil*, tomo I, pag. 123, diz o seguinte sobre esta denominação:

« A ilha de S. Vicente chamavam *Orpion* ou *Morpion*, nome que sómente podemos explicar como uma contracção de *Morubi-ahum*, isto he, campo dos trabalhadores ou lidadores. »

Na nota diz:

« Veja-se Thevet e Abbeville. Staden diz que *Orbioneme* (*Orbion-êm*, ou *Orpion-mâ*) e na collecção de Purchas (V, 1252) ha quem a denomine *Warapisumama*. Este ultimo nome alludiria aos guarás que ali se matavam. »

Esta interessante ave, que havia em tanta abundancia desde *Guaratuba* (Paraná) ao Rio de Janeiro, desappareceu totalmente. No Maranhão e no Pará ainda existe; mas tal é a perseguição que se lhe faz, que em breves annos desapparecerá um dos mais bellos ornamentos do nosso littoral.

Parece que houve engano na citação de Abbeville, e que devéra lêr-se Lery. Mas este em sua obra diz que *Morpion* era o nome do forte dos portuguezes, isto é, a *Bertioga*. Vide pag. 227 de sua *Historia da America*.

E' notavel que o mesmo visconde se mostrasse tão indifferente quanto á palavra *Warapissumama* que encontrou em Purchas, e perfeitamente corresponde á *Guarapissumã*, o nome dado pelos indigenas á enseada de Santos. Além de que ella não tem a significação que aquelle illustre consocio presume.

Ambas as expressões não são exactas. São a corrupção das palavras *guirapaçâmã*, arco de tirar flechas e corda, que podemos traduzir por *arco apparelhado*, como talvez seja a figura ou se representava nos *Tupis*, a enseada.

Pelo que respeita á palavra *Morpion*, nome dado pelos *Tamoyos* á ilha de S. Vicente, a etymologia lembrada pelo illustre visconde parece-nos insustentavel. Essa palavra, assim como a de *Orbion* ou *Orbioneme*, conforme a pronuncia allemã, são, provavelmente corrupções da indigena *guira piran* que significa *passaro vermelho*: portanto o *guará*.

dictino não se contenta com isto, vai mais longe, o que de todo arruina a hypothese de ser João Ramalho o bacharel degradado em S. Vicente ou em Cananéa.

Com a autoridade prestigiosa de sua palavra o chronista santarino assegura-nos que, se não leu, *viu* o testamento original de João Ramalho, e *d'elle obteve cópia authentica*, que encarece com reflexões com que adorna o acontecimento, por onde se prova de modo irresistivel haver Ramalho desembarcado ou aportado na patria Santos, pelo Guarapissuman dentro, não em 1502 ou em 1514, mas precisamente em 1490, isto é, dois annos antes de abicar Colombo no archipelago das Lucayas, em Guanahani (97).

O testamento tinha uma data feliz: foi lavrado á 3 de Maio de 1580. Essa data em si comprehendia duas épocas notaveis: a do descobrimento do Brasil por Pedro Alvares Cabral (3 de Maio), e a do estabelecimento da ordem benedictina entre nós (1580). Que descoberta, e quantas coincidencias!

Se a paleographia fosse uma sciencia tão bem cultivada

Mas ainda assim este nome parece que não era applicavel senão á ilhota proxima á Bertioga, onde os indigenas vinham fazer provisão de pennas d'esses passaros para seus adornos, de que trata Hans Staden no cap. 19, e em vista do que assevera Lery com relação á Bertioga na vizinhança.

Lembramos ainda a etymologia de *guira apuam* ou *upaon*, ilha de passaros, ou do arco, de que as palavras *Morpion* ou *Orbion* podem ser contracções, prestando-se muito para isto o vocabulo *guira*, como se vê no *Glossaria* de Martius. Por outro lado, essa palavra *Morpion* póde tambem ter sua etymologia nos termos *mobyrion*, muitos, e mesmo em *mindy pyron*, papas grossas (o actual *pirão*), indicando assim a fertilidade, e abundancia da terra.

(97) Está hoje reconhecido pelos trabalhos de M. Major, que essa ilha tem presentemente o nome de *Guanima*, e é conhecida pelo de *Watteling* nos mappas inglezes. A memoria de M. Major intitula-se *Land's chaft of Columbus*.

no seculo XVIII, como é no presente, talvez a imaginação dos escriptores não trabalhasse tanto em organisar chronicas e scenas dramaticas no intuito de explicar as origens e o começo maravilhoso de sua patria. Mas não era assim.

O trabalho paleographico é enfadonho; nem todos podem com elle arcar. Pedro Taques já o reconhecia quando teve de organisar em 1772 a sua *Historia da capitania de S. Vicente*. E Fr. Gaspar preferia com todo o descanso escrever as suas *Memorias*, encerrado na cella do mosteiro com os documentos que facilmente pôde colher e os pios subsidios de sua casa, a ir revolver o pó dos archivos accumulado em mais de dois seculos, e destrinçar segredos paleographicos a bem da verdadeira historia em monumentos carcomidos pela traça e devastados pelo tempo e incuria dos interessados.

VII

Além d'aquella descoberta, fez ainda mais: o veridico e grave chronista na mesma *Noticia* em que relata essa famosa descoberta que tanto tem feito cogitar os americanistas-europêos, brinda João Ramalho com uma idade além de centenaria, pois fazendo-o fallecer em 1580 ou mais, só de estada de Brasil contava elle noventa annos!

Trataremos d'este assumpto mais detidamente em outra opportunidade; por ora basta dizer que, por nossas conjecturas, João Ramalho já não era d'este mundo em 1560. Precisamente poderiamos, talvez, assegurar 1558.

Portanto, ainda á luz dos argumentos expendidos, em nossa opinião é elle o bacharel degradado, visto por Diogo Garcia em 1527, em S. Vicente, e por Martim Affonso de Sousa em 1531, em Cananéa.

VIII

Resta ainda apreciar se esta individualide era realmente um homem de letras, arrastado por seus crimes á infamia, ou se, por seus commettimentos extra-legaes, alcançou essa alcunha tão conhecida dos navegantes de outr'ora.

A primeira hypothese parece-nos sustentavel, e diremos a razão d'esta nossa conjectura. Se João Ramalho fosse um criminoso vulgar, curvado pela idade e naturaes padecimentos, não resistiria, como resistiu, á influencia de sacerdotes cheios de fé, de zelo e de sciencia, como eram e são os jesuitas. No ultimo quartel da vida se renderia á voz da religião que recebêra no berço, como com tantos outros succedêra.

Quanta differença entre Ramalho e Diogo Alvares! Este, provavelmente, era algum grumete desertor ou esquecido de algum navio, e tornou-se um bom lingua entre os indigenas da Bahia, como era João Ramalho em Cananéa e em S. Vicente; mas não gozava de grande influencia entre os *Tupinambás* a ponto de poder sustentar o primeiro donatario Francisco Pereira Coutinho, antes do abandono da colonia.

Pelo contrario a ascendencia de João Ramalho entre os indigenas do littoral paulistano, os *Tupiniquins*, que o acolheram, e mesmo um pouco em serra acima, era outra cousa, com quanto não desconheçamos a differença que havia entre um *Tupinambá* vivendo á beira do mar, e um *Guayanaz*, mais inculto.

João Ramalho não impôz sómente sua influencia ás tribus do littoral paulistano. Dominou, governou-as; fez a guerra e relacionou-se com as tribus vizinhas, *Carijós*, *Guayanazes* de serra acima, *Guarominis* e *Tamoyos*.

Tornou S. Vicente um porto certo de escala para o trafego com os europêos, assim como Cananéa, que aliás não tinham as proporções da Bahia. Vendia indigenas que capturava em suas guerras; construia bergantins com que navegava pelo littoral até o rio da Prata; facilitava aguadas, viveres e refrescos aos navegantes que a terra permittia n'aquellas épocas. E assim, com seu exemplo, de alguma sorte impedia, ao menos para com os europêos, a pratica selvagem da horrenda anthropophagia.

E mesmo, depois de firmada a colonia lusitana, para conter e negociar com os *Guayanazes* de serra acima, fundou uma importante povoação, S. André, que fortificou, ligando-a á S. Vicente mediante uma via de communicação, obra de grande difficuldade, e que partia de um ponto á margem do braço que circumda a ilha, outr'ora denominado —*o estreito do Ramalho*.

Esta via foi posteriormente melhorada no seu traçado, até o presente mantido, obra dos padres da heroica companhia de Jesus, á quem S. Paulo tanto deve(98).

(98) A nova direcção da estrada foi dada pelos padres Luiz da Grã e Manoel da Nobrega; mas a grande veneração em que, depois, era tido o padre José de Anchieta fez com que o povo se habituasse a chamar essa estrada *o caminho do padre José*, se é certo o que affirma Fr. Gaspar em suas *Memorias*.

A nova estrada, portanto, não passava provavelmente por S. André, onde devêra existir, segundo Fr. Gaspar, população pouco affeiçoada áquelles religiosos.

Essa povoação desappareceu, ignorando-se ainda hoje o local certo de sua fundação *a borda do campo*; mas o sangue dos *Mamelucos* que alli se procrearam, espargiu-se por toda a provincia. Houve desforra. Em poucos annos os jesuitas amargaram os grandes bens que fizeram á população de S. Paulo. Bem entendido, se é exacto o que assegura Fr. Gaspar, quanto á razão da mudança da villa para S. Paulo. Elle escrevia em época em que tudo se podia, sem reparo, allegar contra esses religiosos

Todas estas façanhas, e com tão fracos recursos, indicam um homem de intelligencia vigorosa, com algum cultivo litterario, embora dominado por grandes e violentas paixões; lançando mão de meios extra-legaes, de certa ordem, para fazer vingar seus designios. Na nossa historia é por certo essa individualidade um grande vulto.

O orgulho do homem de cultura litteraria é mui refractario á idéas estranhas. Difficilmente se subordinará á doutrinas de que outros sejam os iniciadores, ou se constituam os mestres, *maxime* se, o que carrega-o, é adiantado em annos e habituado ao mando. Eis o caso de João Ramalho.

A luz da razão, os esplendores da fé não o despertam: é para elle um cofre cerrado á sete sellos. O que adquirin e cultivou na mocidade é sómente o fundo que conserva. D'ahi resultou a divergencia, a luta com os religiosos da companhia de Jesus logo que aportaram em 1549 á S. Vicente. Esta semente deu posteriormente fructos bem agros.

João Ramalho, acostumado por longo tempo ao mando, não queria deixar a vida licenciosa á que, tambem por longos annos, se habituára na convivencia com os *Tupiniquins* de Cananéa(99), de Morpion e de Guaibe.

Os sacerdotes, que desde o começo da colonia compareceram em S. Vicente, faziam sensivel contraste com os missionarios da companhia. Os primeiros sem nenhum zelo,

(99) De um *livro* intitulado *das Noticias* que se acha no archivo d'esta villa contendo factos alli acontecidos, desde 1637 á 1795, e alguns bem importantes, obtivemos varias notas, por onde vê-se que a antiga aldêa indigena era situada, quasi defronte da presente villa, na ilha da Costa do Mar ou do Mar Pequeno (*Paranãmirim*) na parte occidental, e no ponto hoje denominado *Boa Vista*.

O seu nome indigena era *Maratayama*, e com elle conservára a prerogativa de villa como se via de um auto de 1579, salvo do incendio do cartorio da villa em 1747, que, por causa do cupim,

baldos de sciencia e talvez de fé, indifferentes ao viver dos colonos, imitando-os, senão excedendo-os em desregramentos. Os segundos cheios de fé e de zelo, de espirito cultivado, eram caridosos com os indigenas, que os colonos e os outros sacerdotes reputavam, não homens, mas féras.

O antagonismo com semelhante entidade era logico e inevitavel. Ramalho foi surdo á todas as admoestações, e com desprezo repellin-as. Jámais casou, conforme os ritos da igreja; vivia como um *Mormon* desbragado antes e depois da vinda de Martim Affonso; antes e depois da entrada dos jesuitas em S. Vicente, que nada d'elle conseguiram em materia de moral. Preferindo, por amor de seus vicios e extrema libidinagem, ser excommungado, manteve obcecado essa posição até sua morte.

Homem emprehendedor e activo, tendo no littoral o apoio dos seus conterraneos europêos e dos *Tupiniquins*, seus velhos alliados e parentes, subiu com estes a serra de Paranápiacaba, e foi estabelecer-se no ponto em que termina a região das matas, á borda do campo, onde os *Guayanazes* viviam e sabiam defender-se, ao envez dos que demoravam nas vizinhanças do littoral, e abrigados nos bosques. Taes eram as suas relações com esses indigenas.

Se Ramalho convivia em taes e tão francas relações com os *Guayanazes*, porque esse estabelecimento fortificado proximo ás matas? Porque não se foi metter com os Piratininganos no meio das campinas? O que significa esse res-

mandou executar o Dr. Antonio Pires da Silva e Mello Porto Carreiro, na qualidade de corregedor.

Novo Erostrato! e por isto consignamos aqui mais este acto de vandalismo e de insensatez contra os repositorios de nossa historia.

A mudança da localidade em 1637 trouxe em resultado a do nome da villa, que depois se chamou *Cananéa*, denominação que outr'ora tivéra a ilha do Cardoso, onde está assentado o padrão.

guardo de tão bons amigos, e isto quasi vinte annos depois da fundação da colonia de Martim Affonso?

Foi sómente em 1553 que essa guarita ou pequeno povoado pôde ser elevado á categoria de villa forte fronteira, de que Ramalho, o sesmeiro do Guaibe, foi o alcaide-mór, encarregado da defensa da população de serra abaixo, contra os indios das campinas, isto é, os ferozes *Guayanazes*.

E quando os jesuitas domesticaram á estes por meio da religião e da caridade, o ponto da villa fronteira, o baluarte de S. André, tornou-se inutil e quasi imprestavel, até contra os *Tamoyos*, indigenas das matas, e que não sabiam combater em rasa campanha; razão da importancia de S. Paulo, fundada no meio do campo entre os *Guayanazes*, e na confiança da sua amizade e alliança. Ora, isto não se podia dar no estabelecimento posto que fortificado de Santo André.

Portanto, João Ramalho era, de feito, um homem de letras, embora não as houvesse mais cultvado em seu longo degredo (1502 á 1532), e na convivencia dos selvagens.

Era elle proprio indubitavelmente, a mesma personagem conhecida dos nautas que frequentavam as costas do Brasil meridional, pelo *bacharel*, visto e relacionado com Diogo Garcia em 1527 em S. Vicente, e por Martim Affonso de Sousa em 1531, em Cananéa. Não era, pois, o seu titulo uma alcunha (100).

Não enfraquece nossa these a circumstancia de não saber João Ramalho bem escrever, traçar caracteres como acreditou Varnhagen em vista de sua assignatura nas actas das vereanças da sua villa de Santo André da borda do Campo,

(100) O que sentimos ignorar é o nome que os indigenas imposeram á João Ramalho, como procederam com Diogo Alvares, o *Caramurú*, na Bahia.

assignatura, que, aliás, era propria e não á rogo. Em verdade é um facto hoje conhecido, e bem averiguado, que o longo deshabito da escripta, e mesmo da linguagem fal-as de todo esquecer.

Esta questão foi ultimamente bem discutida e apreciada por causa do celebre processo Tichborne, em Inglaterra.

A historia da rica, heroica e importante provincia de S. Paulo está ainda por escrever, e comtudo é a provincia que apresenta mais historiadores. Essa historia interessa immenso, por seu entrelaçamento, á de todo o nosso paiz, por tambem ser S. Paulo a filha mais velha, a que se manteve com mais segurança desde o começo da colonisação, *maxime* depois que a companhia de Jesus, por seu immorredouro apostolado, firmou por uma vez a alliança com o gentio *Guayanaz*, que dominava no seu interior. Ella domesticou-o e converteu-o á nossa fé, e, sobretudo, fundando S. Paulo á 25 de Janeiro de 1554.

Martim Affonso de Sousa e João Ramalho, o fundador da colonia e o progenitor dos primeiros *Mamelucos*, têm os seus nomes gravados na historia d'essa bella e interessante porção do territorio brasileiro. A escolha de um e o auxilio de outro são serviços de grande relevancia, e que os posteros não poderão encarecer demasiado. Esses vultos, posto que em limitado ponto de vista, são duas incontestaveis glorias paulistanas.

Mas que valor teriam esses serviços se a colonia lusitana, havia dezesete annos, comprimida entre o mar e a serra alterosa do Paranápiacaba, não conseguisse pacificar e attrahir ao gremio da fé christã as tribus *Guayanazes*, tão brutaes e tão refractarias á vida social, derramadas nas campinas e veigas ao noroeste d'aquella famosa serra?

Quem, pois, consolidou aquella obra não foi o heroico guerreiro portuguez, não foi o bacharel degradado em Ca

nanéa, mas a companhia de Jesus, resistindo resolutamente aos vicios monstruosos de Ramalho, e fundando S. Paulo, a auspiciosa cidade, no centro do territorio *guayanaz*, e fazendo de uma população barbara e hostil, um povo culto, laborioso, alliado ou amigo dos colonos.

Sem essa fundação predestinada a historia de S. Paulo, torna-se nulla, deficiente e incomprehensivel. Se os destinos d'essa cidade forem eminentes, gloria sem par e merecida caberá por certo a quem fundou-a, e ennobreceu-a desde o lançamento de seus alicerces com o alto patrono que lhe deu e com as lutas homericas que sustentou.

Essa historia, pois, ha de escrever-se, e a gratidão paulistana mais uma vez transluzirá por actos bem patentes que a glorifiquem. S. Paulo conta filhos mui dignos e prestimosos para que um momento se possa duvidar da realização d'esse trabalho, como d'essa reparação moralisadora e de rigorosa justiça. Temos n'isto profunda confiança.

Concluindo:

Presumimos haver sustentado a these que enunciamos— *João Ramalho é o bacharel de Cananéa* —respondendo pertinentemente á pergunta lançada no começo d'esta memoria. Não o fizemos, é certo, com provas directas e positivas, mas com circumstanciaes, que quasi tocam á evidencia.

As outras não são possiveis, ao menos por ora; salvo se algum documento importante vier a descobrir-se nos archivos de Portugal ou de Roma, da França ou da Hespanha, ou finalmente no famoso repositorio do Museu Britannico em relação á este assumpto; hoje tanto mais facil quanto o estudo das questões americanas, que interessam á sua historia, geographia e ethnographia, se acham na ordem do dia nos paizes mais cultos.

E não desesperamos, por isso que o chronista benedic-

tino tornou João Ramalho personagem muito saliente, e mesmo muito importante n'aquellas questões, desde que ousou assegurar que elle aportára em nossa America dois annos primeiro que Christovão Colombo (101) !

Isto nos obrigará á escrever outra memoria, discutindo e apreciando este estupendo facto.

O Instituto Historico, á quem somos reconhecidos pela benigna attenção que nos dispensou, desculpará o tempo absorvido na exhibição d'estas fastidiosas, mas necessarias investigações.

---

(101) Gallarel, *Etude sur les rapports de l'Amérique et de l'ancien continent avant Christophe Colomb*, pags. 327 e 328.